



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS VI

ANA PAULA DE ARAÚJO SILVA

**O POÉTICO FORMANDO O GOSTO PELA LEITURA: RICARDO DA
CUNHA LIMA.**

Caetité - BA

2014

ANA PAULA DE ARAÚJO SILVA

**O POÉTICO FORMANDO O GOSTO PELA LEITURA: RICARDO DA
CUNHA LIMA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *Campus VI*, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua portuguesa e literatura.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Patrícia Kátia da Costa Pina.

Caetité - BA

2014

ANA PAULA DE ARAÚJO SILVA

**O POÉTICO FORMANDO O GOSTO PELA LEITURA: RICARDO DA
CUNHA LIMA.**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Kátia da Costa Pina

Conceito: _____
_____ rubrica

Examinador: Prof^a. Me. Aparecida de Fátima Brasileiro Teixeira

Conceito: _____
_____ rubrica

Examinador: Prof^a. Esp. Rozânia Alves Magalhães Silva

Conceito: _____
_____ rubrica

Caetité - BA

2015

DEDICATÓRIA

À minha maravilhosa e querida mãe Maria Vanda Brito Caldeira, uma grande educadora, que me apresentou ao mundo das palavras, e à minha avó Olímpia.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas a agradecer...

São tantos carinhos a compartilhar...

Começo por aquele que é o principal, a Deus, por ter me dado forças nos momentos que achei que não conseguiria concluir o curso.

À minha mãe, que sempre me fez acreditar que eu conseguiria.

À minha orientadora Patrícia Kátia da Costa Pina, presença marcante e decisiva em minha formação, pela sua sensibilidade e paciência na condução deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, pela leitura e colaboração.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação acadêmica, me ajudando a trilhar pelos caminhos do conhecimento: Esmeralda Meira, Patrícia Pina, Ricardo Tupiniquim Ramos, Zoraide Portela, Edmilson Sena, Baktalaia Leal, Rogério Soares, Lucélia Magalhães, Rosânia Magalhães, Andreia Villaça, Maria Célia Knopp, Miriam Ribeiro, Edilson Miranda, Sandra Farias, Aparecida Brasileiro, Ana Maria Oliveira, Ginaldo Cardoso de Araújo, Gina Lúcia Gomes, Maria Angélica Rocha, Danilo Santos, Manoel Raimundo Alves, Paulo César Martins, Luciete Bastos, Jorge Augusto, Ângela Menezes, Romar Souza e Luís Rezende.

À querida Delma, secretária do colegiado de Letras, pela sua paciência e ajuda em toda essa caminhada.

Aos meus amigos e colegas de curso pelo incentivo e a apoio.

Os Poemas

*Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fechas o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem. E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...*

Mário Quintana (2005, p.469)

(Poema publicado originalmente no livro **Esconderijos do tempo**, retirado de **Poesia completa**)

RESUMO

Formar leitores tem se constituído um desafio à educação contemporânea, que é o de formar leitores capazes de uma efetiva participação social, e de construírem a si mesmos como sujeitos. Assim urge a necessidade de que haja nos espaços formais de aprendizagem, uma mediação voltada na perspectiva da formação leitora, sendo imprescindível esta formação desde a infância, para que o indivíduo obtenha desde cedo os benefícios dessa prática, e para isto a literatura infantil é uma aliada nesse processo. Dessa forma, esta pesquisa é um instrumento de reflexão acerca da formação de leitores, visualizando o gênero poesia infantil como instrumento para esta formação, sendo feita uma análise das características rítmicas e vocabulares presentes em alguns poemas de LIMA (2000) e (2010), observando estes como recursos prazerosos e incentivadores na formação do leitor, para que este enquanto sujeito reflita sobre si e sobre o outro, agindo e interagindo com o seu mundo interior e exterior. Para tanto, ao desenvolver os conceitos de literatura infantil, poesia infantil, linguagem poética e público infantil, balizo a pesquisa à luz de teóricos como ARÌES (1981), COELHO (2000), CUNHA (1998), HUIZINHA (2000), LAJOLO e ZILBERMAN (2007), MESCHONIK (2006) e SOUZA (1994), estes contribuem para estas abordagens, e para discorrer sobre os aspectos peculiares da poesia contribuem TAVARES (2005), ABRAMOVICH (1991), BOSI (2000), CARVALHO (2010), ESPEIORIN (2010), GOLDSTEIN (1991), COMPAGNON (2001), entre outros. Assim constata-se que é possível educar pelo poético, ao aproximar-se do imaginário dos pequenos, propondo reflexão e diálogo para com elas, pois a leitura nos transforma e nos humaniza.

Palavras-chave: Literatura. Literatura infantil. Poesia. Formação do leitor.

ABSTRACT

Educating readers has been a challenge to contemporary education, which is to form readers capable of effective social participation, and to build themselves as subjects. Thus there is an urgent need that there is in formal learning settings, a dedicated mediation in view of the reader training, this training is indispensable since childhood, so that the individual get early benefits of this practice, and this is a children's literature ally in this process. So, this research is an instrument of reflection about the formation of readers, seeing the poetry child gender as a tool for this training, with an analysis of the rhythmic and lexical features in some poems of LIMA (2000) and (2010), watching these as pleasant and supportive resources in the player's training, so while this subject reflect on themselves and on the other, acting and interacting with your inner and outer world. Therefore, to develop children's literature concepts, children's poetry, poetic language and child audience, balizo research in the light of theoretical as ARÌES (1981), COELHO (2000), CUNHA (1998), HUIZINHA (2000), Lajolo and ZILBERMAN (2007), MESCHONIK (2006) and SOUZA (1994), these contribute to these approaches, and to discuss the unique aspects of poetry contribute TAVARES (2005), ABRAMOVICH (1991), BOSI (2000), CARVALHO (2010), ESPEIORIN (2010), GOLDSTEIN (1991), COMPAGNON (2001), among others. This reveals that it is possible to educate the poetic, to approach the imagination of small, proposing reflection and dialogue towards them, because reading changes us and humanizes us.

Keywords: Literature. Children's literature. Poetry. Formation reader.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 LITERATURA: a arte que permite a vivência da palavra..... | 13 |
| 1.1 LITERATURA INFANTIL: formando o leitor..... | 15 |
| 1.2 POESIA INFANTIL: possibilidade de formação do gosto pela leitura | 20 |
| 1.3 LINGUAGEM POÉTICA: mais que estética..... | 23 |
| 1.4 PÚBLICO INFANTIL: transformações | 26 |
| 2 RICARDO DA CUNHA LIMA: o leitor de cabeça para baixo, pedindo bis..... | 28 |
| 2.1 VONTADES E OUTROS POEMAS: provocando o imaginário do leitor..... | 32 |
| 2.2 DA SANFONA E A VIOLA, A UBI SUNT? OU QUEM FOI NAMORAR: a musicalidade e mnemônico envolvendo o leitor | 38 |
| 2.3 A TEORIA POÉTICA DO POETA: ensinando o leitor a ler poesia | 44 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |
| ANEXOS..... | 54 |

INTRODUÇÃO

[...]

Ler é formar
Ler é INformar
Ler é reformar
Ler é TRANSformar

Ler é SABER
Ler é PODER
SABER LER?
PODER DA INCLUSÃO!

Não ler?
Não saber LER?
Desumana verdade:
PODER DA EXCLUSÃO!

[...]

LER é pensamento, valor, emoção
LER é sentimento, poder, antecipação
LER é prosa, poesia, cognitivAÇÃO
LER é a alma da CRIAÇÃO

(MATOS, Francisco Gomes. **Ler**: uma leitura multidimensional, 2006, p. 247-249)

Nos versos acima do professor Francisco Gomes de Matos, da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), percebemos quanto o ato de ler se faz importante em nossas vidas, uma vez que é algo crucial em nossa formação enquanto sujeitos dos processos sociais. Através da leitura, podemos descobrir um mundo novo, cheio de possibilidades. O hábito de ler deve ser estimulado desde a infância, para que desde pequeno o indivíduo obtenha os benefícios desta prática, tornando-se um adulto culto, dinâmico, perspicaz e principalmente crítico e reflexivo diante da sociedade.

Assim temos um desafio à educação contemporânea, que é o de formar leitores, e estes devem ser capazes de uma efetiva participação social, construindo a si mesmos como sujeitos. É preciso que haja nos espaços formais de aprendizagem, uma mediação voltada na perspectiva da formação leitora.

Por muito tempo a criança esteve subjugada na sociedade, sendo apenas um adulto em “miniatura”. Tal condição a ela imposta não lhe proporcionava oportunidades para o seu desenvolvimento intelectual, mas no decorrer do percurso histórico, e da valorização de importantes instituições como a família e a escola, o

conceito de infância aos poucos foi modificando e se aproximando do conceito moderno. Dessa forma, começa a se pensar em uma educação voltada para as crianças, e a escola assume o papel de introduzi-las na vida adulta, e nesse novo processo inicia-se uma literatura a elas destinada, de início com um caráter pedagógico, mas que no decorrer do tempo vai se modificando e se tornando um instrumento imprescindível para a aprendizagem e a formação de leitores.

Tendo a literatura infantil como auxiliar no processo de ensino, esta pesquisa assume analisar um dos gêneros textuais pertencentes à LI (literatura infantil) considerado mais difícil e, simultaneamente, mais prazeroso: a poesia. Os poemas apresentam estruturas de jogo com as palavras, com o ritmo, com a musicalidade e outros recursos que podem ser atrativos e conseqüentemente podem instigar o gosto pela leitura, pois o texto poético constitui-se de uma linguagem que pode transfigurar a realidade, emocionar, despertar sensações, sendo uma fonte de saber e pode levar a criança a se perceber como sujeito.

Partindo dessa perspectiva, propõe-se esta pesquisa, como instrumento de reflexão relacionada à formação do leitor. O estudo aqui sugerido sob o título de “O poético formando o gosto pela leitura: Ricardo da Cunha Lima”, parte do seguinte problema: a literatura infantil, especialmente a poesia, abrange um conjunto de recursos prazerosos e lúdicos para se trabalhar em sala de aula. Como recursos específicos deste gênero literário presentes em alguns poemas de Ricardo da Cunha Lima podem ser instrumentos de formação de leitores? Sob esse viés, está sendo apresentada uma proposta de análise dos poemas “Vontades” (LIMA, 2010, p. 4-5), “A calça folgada” (LIMA, 2000, p. 16-17), “Casamentos” (LIMA, 2010, 18-19), “A sanfona e a viola” (LIMA, 2010, p. 8-11), e “Ubi sunt ou quem foi namorar?” (LIMA, 2010, p. 30-32) de autoria de Ricardo da Cunha Lima, que é autor de diversas obras voltadas para o público infantil. O desafio que se estabelece é o de discutir e analisar os poemas a partir de suas características rítmicas e vocabulares, e de como estas podem vir a ser recursos prazerosos e incentivadores na formação do leitor, observando este, enquanto sujeito que reflete sobre si, que age e interage com o seu mundo interior e exterior.

Entre os objetivos específicos da pesquisa estão: analisar os poemas “Vontades” (LIMA, 2010, p. 4-5), “A calça folgada” (LIMA, 2000, p. 16-17), e “Casamentos” (LIMA, 2010, 18-19), “A sanfona e a viola” (LIMA, 2010, p. 8-11), “Ubi sunt ou quem foi namorar?” (LIMA, 2010, p. 30-32), a partir de suas características

rítmicas e vocabulares; discutir a partir de estudos teórico-críticos as expectativas e competências dos leitores infantis e interpretar os poemas escolhidos, na ótica da formação leitora.

Desse modo, esta pesquisa objetiva compreender a literatura infantil, especialmente a poesia infantil de Ricardo da Cunha Lima, como um conjunto de recursos que podem ser instrumentos na formação de leitores. Sua relevância social e científica se dá ao vislumbrar a importância da literatura infantil na formação do leitor, e a linguagem poética como estratégia para aguçar a sensibilidade, a descoberta, o aprendizado e o gosto pelo ato de ler, e formar leitores que vejam prazer na leitura. A temática da literatura infantil está ganhando cada vez mais espaço, e profissionais das mais diversas áreas do conhecimento se voltam para ela, que já integra muitos currículos universitários, tornando-se objeto de teses, congressos e seminários, assim esta pesquisa, que pode ser uma contribuição à sociedade como um todo.

Para desenvolver esta proposta, o texto foi planejado em três sessões. Na primeira sessão, intitulada “Literatura: a arte que permite a vivência da palavra”, é construída a revisão de literatura, transitando pelos eixos da leitura, literatura infantil, poesia infantil, linguagem poética e público infantil. Aries (1981), Coelho (2000), Cunha (1998), Huizinga (2000), Lajolo e Zilberman (2007), Meschonik (2006) e Souza (1994), são alguns dos teóricos que contribuem para estas abordagens. Na sessão seguinte é proposta a análise do objeto, os já referidos poemas de Ricardo da Cunha Lima, analisados sob uma ótica da formação leitora, e na última sessão há as considerações finais. Para discorrer sobre os aspectos relacionados ao fazer poético, o estudo se apoiou nas contribuições de Tavares (2005), Abramovich (1991), Bosi (2000), Carvalho (2010), Espeiorin (2010), Goldstein (1991), Compagnon (2001), entre outros.

1. LITERATURA: a arte que permite a vivência da palavra

[...] nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão rica e eficaz quanto a que a literatura permite. (COELHO, 2000, p. 15).

Muito se tem falado da importância e do poder da literatura, e a partir da afirmativa acima, pode-se inferir como essa manifestação da linguagem se faz importante para a formação do ser humano, uma vez que ela nos permite acesso ao conhecimento, nos eleva à compreensão da vida e enquanto linguagem polissêmica nos leva à percepção de nossa condição como sujeitos.

Infelizmente as salas de aula brasileiras estão longe de ser um espaço onde se privilegia a formação de leitores, o contato dos estudantes com a literatura têm sido feito através de práticas enfadonhas, as leituras estão tornando-se, na maioria das vezes, objetos de avaliações, e os jovens se formam sem terem acesso às verdadeiras possibilidades que a literatura proporciona, e a relação com esta acaba por minar-se. Assim coloca Carvalho (2010, p.1), “diante da incessante busca em se formar leitores, em um país tão carente como o Brasil, educadores, pais e pesquisadores necessitam buscar sempre novas formas para atrair as crianças à leitura”. O afastamento das crianças e jovens da leitura pode ser causado pela forma errônea como se tem trabalhado com esta, uma vez que se deveria abordá-la como algo necessário e tentador, na perspectiva do desenvolvimento de atitudes culturais, sendo veiculada como meio de interação, comunicação social, e construção do poder efetivo da palavra, pois ser leitor é ter um caminho infinito de descobertas, é ver nas palavras uma necessidade vital de fonte de prazer e informações.

Espeiorin (2010, p.24) também contribui para a reflexão, afirmando que “[...] a presença do texto literário precisa ser ampliada no campo da formação humana”. A literatura contribui para a construção de nossa história como leitores, no sentido pleno do termo, não como mera decodificação de signos linguísticos, mas sim uma interação com o lido, devendo haver reflexões e desenvolvimentos de habilidades para transformarmos a nossa realidade, uma vez que o mundo globalizado está em constante transformações, e estando nele também não devemos ficar inertes às mudanças. A Literatura, especialmente a poesia, provoca um agir positivo, uma vez que ocorre uma revolução interior do ser humano na busca do crescimento e do avanço, pois:

A leitura, ao levar o leitor a integrar a visão do texto à sua própria visão, não é nada, portanto, uma atitude passiva. O leitor vai tirar de sua relação com o texto não somente um sentido, mas também uma significação. [...] Em outros termos, existe, de um lado, a simples compreensão do texto e, de outro, o modo como cada leitor reage pessoalmente a essa compreensão. (JOUVE, 2002 *apud* CARVALHO, 2010, p. 7)

Ela tem um papel a cumprir nesta sociedade, sendo estimulada pela escola, que deve não somente mudar o discurso, mas também as práticas, aliando o ensino de literatura às práticas sociais de leitura, pois esta, segundo Zilberman (2003, p. 12):

[...] propicia o questionamento de valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar.

O leitor literário quando se apropria das leituras ri, investiga, relembra, chora e até sente medo, reflete sobre sua vida construindo significados, e para este pode não existir apenas um caminho único para se tornar um leitor, ela advém do hábito cotidiano da leitura, e quando realizada com prazer torna-se um *hobby*, um passeio por gêneros variados e uma trilha rumo ao conhecimento, pois a literatura “é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem” (LAJOLO, 2001, p. 44).

Ao entendermos a escola como um espaço privilegiado para garantir o acesso e a formação do gosto pela leitura, faz-se importante compreendê-la como espaço de equidade social, sendo necessário inserir no cotidiano escolar momentos e intervenções eficientes, convidativas de se trabalhar com a leitura literária, devendo esta ser explorada de forma a tirar do distanciamento e da obrigatoriedade do ato de ler, assim há os livros-brinquedos, que roubam a cena, com seu conteúdo e sua estética chamativa, e muitos chegam às escolas públicas através do PNBE (Programa Nacional de Biblioteca Escolar), onde se tem possibilidades de uso coletivo, lúdicos, explorando também as múltiplas linguagens, estimulando a oralidade, o fantasioso, o aprender brincando, e conseqüentemente se formando o gosto pelo ato de ler.

No entanto, como já foi afirmado, a escola desestabiliza a relação dos alunos com a leitura literária, ao inserir práticas didáticas e com fins ideológicos, assim registra Silva (2009, p.55-56):

[...] lê-se na escola para cumprir uma obrigação, realizar uma tarefa. A escola parece que ainda não se deu conta de que tem papel fundamental na formação do leitor literário e que, para isso, precisa deixar de lidar com a palavra-arte como se ela fosse meramente palavra-informação. É preciso esclarecer que ensinar literatura não se resume a apresentar conceitos operatórios que tragam em si soluções de “como fazer”.

Penso que é preciso que a literatura esteja presente desde a mais tenra idade, quando se inicia o desenvolvimento dos comportamentos leitores, torna-se então necessário que as crianças, leitores em formação, sejam colocadas em contato com leituras que as façam conseguir estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior e exterior, ampliando suas relações com o universo real para nele futuramente agir. É o primeiro de muitos passos para a formação de leitores competentes e reflexivos. Nunes (2012), em sua dissertação de mestrado, em que trabalha com a questão do imaginário na literatura infantil e juvenil e formação do leitor, também compartilha a ideia de que quanto mais cedo o sujeito tem contato com a leitura, ele terá maior probabilidade de alcançar um posicionamento reflexivo frente ao mundo e a sociedade, não apenas decodificando a palavra escrita e sua conotação real, mas lendo as entrelinhas, cotejando o texto e contexto da leitura. E assim não apenas reproduzindo, mas usando sua imaginação criadora, dando à leitura o *status* de uma prática criadora e inventiva, simplesmente dialogando com o mundo e com si mesmo. Souza (1994, p.150-151) parte da perspectiva da inserção da criança no mundo amplo da linguagem como inserção da infância no mundo da linguagem, assim:

É na infância que se constitui a necessidade da linguagem e, para penetrar na corrente viva da língua, a criança deve operar uma transformação radical, ou seja, transformar a experiência sensível (semiótica) em discurso humano (semântica). Em outras palavras, a infância é o momento em que a linguagem humana emerge como significação, pois é na fala da criança que acontece a passagem do signo linguístico para a ordem do sentido. [...] uma tal concepção de infância não é algo que possa ser compreendido antes da linguagem ou independentemente dela, pois é na linguagem e pela linguagem que o homem constitui a cultura e a si próprio.

1.1. LITERATURA INFANTIL: formando o leitor

“[...] por trabalhar com o leitor desde seu primeiro contato com as letras, a literatura infantil efetivamente pode constituir-se na alternativa competente para a crise da educação e da comunicação no mundo moderno”. (YUNES; PONDÉ, 1998, p. 52, 59).

Para as crianças, leitores em formação, existe um campo que está sendo semeador de valores e da linguagem para a integração de uma nova mentalidade, que considera a criança um ser em formação que deve se desenvolver com liberdade, criatividade e que se realize em plenitude, tendo como peculiaridade o aprendizado, e antes de ser um gênero ou uma modalidade distinta de texto, é arte, é a literatura infantil, que ocupa um lugar específico no gênero ficção, abarcando modalidades bem distintas de textos, desde os contos de fadas, fábulas, contos maravilhosos, lendas, histórias do cotidiano, etc., como registra Nelly Novaes Coelho:

Vulgarmente, a expressão 'literatura infantil' sugere de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como *criação literária* e tratada pela cultura oficial como um gênero menor. (COELHO, 2000, p. 29)

Esta arte é por vezes menosprezada e tratada como uma literatura menor, ou como coloca a autora, uma *criação literária*, vista como mero entretenimento, isso se deve ao fato de ser uma conquista recente na sociedade, a sua história tem poucos “capítulos”. Cunha (1998) vem registrar que a literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser diferenciada do adulto, assim esse “preconceito” e as visões distorcidas para com a literatura infantil traz em si marcas históricas.

Vale ressaltar também algumas controvérsias que há sobre a expressão literatura infantil, alguns grandes nomes de nossa literatura como Cecília Meirelles e Carlos Drummond de Andrade discordaram da ideia de que a literatura se divide em faixa etária e que ao haver essa divisão há a presença de aspectos ideológicos.

Oliveira (2012) registra que Cecília Meireles, em 1951, traz essa problemática de que a literatura não se divide em faixa etária e que as preferências da criança enquanto leitora é que delimitariam a obra de 'âmbito infantil', e o poeta Drummond questiona o parâmetro de existência da literatura infantil, marcado pelo que não é indicado para criança, e que a vê como um ser à parte que reclama uma literatura à parte, e ainda se essa seria algo reduzido, mutilado ou desvitalizado.

Com controvérsias ou não, se faz necessário conhecermos esta arte recente que vem a cada dia conquistando o seu espaço na sociedade. Ela possibilita ao seu público elaborar reflexões sobre a complexidade do mundo, problematizando e questionando caminhos, explorando a sensibilidade, a imaginação e os olhares das crianças e também dos adultos, que se apropriam da riqueza e diversidade que esta oferece através do prazer da leitura. Como salienta Lajolo e Zilberman “[...] nunca é demais frisar o peso circunstancial que o adjunto *infantil* traz para a expressão literatura infantil. Ele define a destinação da obra; essa destinação, no entanto, não pode interferir no literário do texto” (2007, p. 11).

Assim cabe aos professores, pais, bibliotecários e todos os envolvidos no processo utilizarem e inserirem a literatura infantil no cotidiano escolar e na vida das crianças de maneiras eficientes e convidativas, possibilitando o “penetrar no mecanismo da leitura” (COELHO, 2000, p. 40). A autora concebe-a como arte, e como fenômeno da criatividade, que representa o homem e a vida através da palavra, do imaginário e das ideias, e sendo uma experiência humana ela dificilmente terá uma definição exata. Ela defende a ideia de que a literatura infantil é um fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, precisando ser utilizada em sua essência, mais que entretenimento, uma aventura espiritual, um meio ideal no auxílio de desenvolvimento de potencialidades naturais e de amadurecimento que intermedia a infância e a vida adulta e que pode ser decisivo para a sua formação em relação a si mesma e ao mundo à sua volta.

Zilberman (2003) traz uma discussão pertinente, afirmando que a literatura infantil está envolvida em muitos princípios ideológicos, que trazem consigo a visão adulta do mundo, e percebe-se que a história da literatura infantil nos mostra que ela foi “criada” com o intuito de modelar a criança aos valores do mundo adulto, servindo como um instrumento didático e ideológico. Oliveira (2012), em sua pesquisa retoma o histórico da literatura infantil e vem dizer que desde a Antiguidade Clássica, que gregos e romanos já estabelecia a concepção de que a criança era um ser moldável

e a educação deveria ter o intuito de formar um determinado modelo de indivíduo. Mas vale ressaltar que mesmo envolvida em um processo ideológico ela não deve ser diminuída intelectualmente, pois “o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo.” (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Sabe-se que história da literatura infantil é recente, ela ganha “força” no século XIII, quando há o surgimento do conceito de infância, como traz detidamente Ariès (1981), esse conceito está intimamente ligado às mudanças no sentimento da família e das transformações econômicas e sociais, e a infância passa a ser tida como uma fase diferenciada da vida adulta, e nesse novo processo no qual as crianças estavam sendo inseridas culturalmente, têm-se início a literatura infantil, mas é preciso distinguir dois tipos de criança que tinham acesso a esta, a criança da nobreza, que lia os grandes clássicos e a criança das classes desprivilegiadas que lia ou geralmente ouvia histórias de cavalaria. Já no século XVII, começa a produção de obras voltadas ao público infantil, como *As fábulas* de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente em 1717, e *Os contos da mamãe gansa* de Charles Perrault, publicado em 1697, lembrando que este foi o precursor da literatura infantil e autor de diversos clássicos. Outros grandes nomes ligados à gênese da literatura infantil são Irmãos Grimm, Lewis Carrol e Hans Cristian Andersen. No Brasil, a literatura infantil inicia-se mais tardiamente e como não poderia deixar de ser, é parte de adaptações de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias, além de ter um caráter totalmente pedagógico. Alguns estudiosos afirmam que no Brasil a “verdadeira” literatura infantil tem início com Monteiro Lobato, como Gregorin, Pina e Michelli (2011) que defendem a ideia de que:

Com o surgimento de Monteiro Lobato e sua proposta inovadora de literatura infantil, a criança passa a ter vontade e voz, ainda que vindas da boca de uma simples boneca de pano: Emília. O que importa é que a contestação e a irreverência infantis sem barreiras começam a ser lidas e vistas por meio de textos e ilustrações das personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. (GREGORIN; PINA; MICHELLI, 2011, p. 17)

Em contrapartida Araldo (2011) concorda que, com Lobato, houve uma inovação, mas o caráter pedagógico de suas obras não foi desconsiderado o que se constitui ligação com valores ideológicos:

Por meio de suas obras Monteiro Lobato realizou uma reflexão sobre os valores morais, conservadores e religiosos, contrapondo-lhes novos valores não absolutos nem dogmáticos. Seus textos, unindo realidade e fantasia, buscaram o lúdico, o desenvolvimento do pensamento crítico, mas não desconsideraram a preocupação pedagógica. (ARALDO, 2011, p. 33)

Temos que reconhecer que Lobato teve seu mérito e é um grande nome na história da literatura infantil brasileira, um precursor que ainda auxiliou no processo de distribuição da literatura, e é importante reconhecer que seus textos não poderiam fugir aos aspectos ideológicos da época em que foram produzidos, uma vez que a ideologia atua sobre nós de forma involuntária. Oliveira (2012) acredita que Lobato:

[...] inova não apenas na produção, mas também na distribuição da literatura. Ele é precursor de um mercado de livros infantis que não se restringe às iniciativas de governos para distribuição do material nas escolas (OLIVEIRA, 2012, p. 29)

Voltando ao histórico da infância, antes de termos esta como uma fase diferenciada da vida adulta, não se escrevia para as crianças, pois “não existia totalmente imbuída de princípios ideológicos que vigoraram nas sociedades anteriores ao século XVII. A partir do século XVII e XVIII foram produzidos os primeiros livros voltados ao público infantil, tinha-se agora uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios que necessitavam de uma formação específica, e também tínhamos a mudança na noção de família, o que acarretou na formação de uma identidade e união familiar, centrada em um conceito de infância.

Tem-se a partir de então uma nova preocupação, controlar o desenvolvimento intelectual da criança, manipulando-a conforme valores ideológicos, sendo “[...] a função social que lhe cabe desempenhar é apenas de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse do adulto [...]” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 16). Uma vez que foi desenvolvida a literatura infantil, as escolas tinham o papel de cumprir a coerção da infância, assim pode-se afirmar que a literatura infantil, em seus primórdios teve como princípio a “dominação” das

crianças, imperando a colônia da pedagogia, a literatura foi colocada a serviço do didatismo e da dominação, ou seja, a escola de início não se tornou um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, e até os dias atuais temos a nítida certeza de que infelizmente a situação não mudou muito. Em relação a esse pensamento, Zilberman (2003, p.23) afirma que “Desarmada a criança não reage [...]. A literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que têm servido à multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, em geral, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com padrões que estão em desacordo com os interesses do jovem.”

Assim, ao percebermos esse caráter ideológico da literatura infantil que ainda perdura nas salas de aula brasileiras, é importante que haja a realização de estudos que busquem explorar as verdadeiras potencialidades dessa forma de arte, que deve ser trabalhada em função formadora, onde a linguagem simbólica outorga uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de experiências existenciais. Cunha (1998) acredita que essa manifestação artística através de seu discurso, abre horizontes, propõe reflexões, a recriação e estabelece a divergência, e é aí que estão as possibilidades educativas, que vão na oposição de práticas ideológicas. É preciso que ela seja vista como enriquecimento à criança, e que em hipótese alguma a veja como menos importante que a literatura voltada para o público adulto, ela difere apenas na sua complexidade de concepção e isso requer outras estratégias de trabalho com a linguagem. Para a autora é preciso que na formação de futuros educadores haja um esforço, de forma a garantir “a possibilidade de indagar, pesquisar, criar, recriar, de maneira que a literatura venha a ter uma função atual, verdadeiramente recreativa e estética – e por isso social e renovadora [...]” (1998, p. 18).

Em consonância com esta perspectiva Silva (2012, p.1-2), coloca que “a partir do momento em que a Literatura Infantil se torna um hábito, ela leva a criança aos caminhos de desenvolvimento da imaginação, das emoções, bem como das várias linguagens, de forma prazerosa e significativa”. Dessa forma a literatura cumpre o seu papel, possibilitando à criança que tem contato com esse universo desde cedo, tornar-se mais uma leitora competente. Cabe aqui a colocação feita por Nunes (2012), que acredita que é importante pensarmos num currículo que contemple a proposta da prática da leitura e da literatura de maneira a contribuir para a formação do homem, possibilitando-lhe conhecer seu universo simbólico e cultural, pois assim

se formará sujeitos que não apenas reproduzam, mas use sua imaginação criadora em busca do (re)construir.

Devemos pensar em uma educação que tenha como objetivo formar cidadãos conscientes de seu papel social e atuantes na sociedade, e essa formação deve se dar desde a infância, e o caminho que melhor possibilita essa formação é a leitura, urge a necessidade dos profissionais e todos os envolvidos nos processos educacionais em despertar o interesse e o gosto pela leitura, esta não é uma tarefa fácil, mas é necessária. Nunes (2012, p.19) acredita que:

[...] quanto mais cedo o sujeito tiver contato com a leitura, há uma probabilidade maior desta contribuir para que ele alcance um posicionamento reflexivo frente ao mundo. [...] passando de simples decodificação da palavra escrita para a conotação real daquilo que pode (ou não) estar implícitos nas entrelinhas, cotejar o texto junto ao contexto em que está sendo realizada a leitura.

Esta pesquisa tem o foco na linguagem poética como meio para a formação do gosto pela leitura, pois essa vertente da linguagem verbal através da ludicidade, do jogo com as palavras, da imaginação, com sua diversidade de recursos possibilita a criança, leitores em formação, a descobrir o mundo, aumentar seu conhecimento, porque ela gosta das palavras, e desde muito cedo a poesia já faz parte da sua vida.

1.2. POESIA INFANTIL: possibilidade de formação do gosto pela leitura

A poesia continua ainda hoje sendo o modo de expressão mais natural para das coisas elevadas. (HUIZINGA, 2000, p. 93).

O gênero poesia infantil é um meio para se trabalhar com a linguagem, de maneira prazerosa e lúdica, pois este gênero oferece diversas possibilidades de instigar e divertir a criança. Muitos estudos já vêm sendo realizados na busca de explorar o trabalho com o gênero e suas possibilidades, como o de Espeiorin (2010), que acredita em um educar pelo poético, onde a criança possa se perceber como um ser de possibilidades, que se insere no contexto social, e afinal essa é uma das

especificidades do texto literário, a autora afirma que há uma grande proximidade da poesia com a infância, com a brincadeira, com o jogo com as palavras, o ritmo e a musicalidade que acabam por cativar o leitor mirim, são leituras prazerosas e transformadoras, que desenvolvem o senso crítico e estético. Na observação de Abramovich (1991, p.67):

Há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada, no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pela página quase como uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui.

Assim se pode perceber o quanto este gênero pode agradar tanto crianças como adultos, é convidativo, as suas metáforas e significados constituem um espaço acolhedor para o leitor mirim, pois:

[...] a criança que começa a se transformar numa leitora de poesia, percebe-se que sua realidade social, ou seja, o meio em que ela aprendeu a se comunicar e a interagir com as pessoas, é aporte importante para ela começar a entender melhor um poema. (ESPEIORIN, 2010, p. 22)

Há teóricos que definem a poesia como um jogo, como Huizinga (2000, p.88), para ele a *poiesis* sugere uma função de ludicidade, está para além da seriedade, em um plano primitivo que pertence à criança, para ele precisamos “[...] envergar a alma como se fosse uma capa mágica e admitir a superioridade da sabedoria infantil sobre a do adulto. Não houve ninguém que soubesse captar, ou exprimir mais claramente a natureza primordial da poesia”. Assim o teórico rejeita a ideia de que a poesia tem apenas função estética, ela tem função litúrgica e social, ela nasceu do jogo e é um jogo, o essencial não é compreendê-la, mas senti-la.

Cunha (1998, p.121) também acredita que “a poesia é para ser sentida, muito mais que compreendida”. Isso porque de todos os gêneros literários a poesia deve ser o menos instrutivo e moralizante. Acabam ocorrendo muitos equívocos acerca do trabalho com este gênero, onde se imagina que o essencial é a compreensão da poesia e do estudo do vocabulário, mas sabemos que o gênero tem por características principais a conotação e a ambiguidade, e na maioria das vezes gostamos de coisas que não chegamos a um pleno entendimento, por exemplo, temos a música, com que por vezes nos identificamos sem ter uma plena

compreensão de sua letra, isso ocorre porque sentimos antes mesmo de tentar compreender. Para Held (1980, p.199) “Não é apenas a palavra, tal palavra como elemento isolado, que seduz a criança, mas o conjunto da linguagem, a linguagem *global*, a abundância. É a própria riqueza da linguagem que é fascinante”. A poesia traz em si uma beleza intrínseca, devido ao seu ritmo, à sua musicalidade, sua sonoridade, suas rimas e até mesmo pela sua complexidade, como ainda registra Held (1980, p.199):

[...] as palavras se bastam [...] e às vezes pouco importa que não possamos dar-lhe um sentido [...]. Sobre isso deveriam refletir todos os que temem uma poesia muito ‘difícil’ para as crianças, para as almas simples ou para o povo. Podemos ficar envolvidos [...] sem compreender o sentido literal.

Assim a criança será receptiva à poesia ao passo que ela se sentir participante, não apenas uma expectadora passiva para com a linguagem poética, e assim é preciso pensar também na mediação por parte do professor, é nele que se encontra o ponto chave, uma vez que é preciso que este veja a literatura como forma de enriquecimento para o leitor em formação. Então é preciso modificar a tática do jogo, e o segredo encontra-se em trabalhar com o imaginário infantil. Nada melhor que a poesia, ela está muito próxima da criança, pois o mundo infantil é cheio de imagens assim como o campo poético. Nesta forma de linguagem a literatura não se limita somente ao saber, mas se abre para o campo do imaginário e da criatividade da criança, que gosta de brincar com a sua língua, e que por vezes escapa de si mesma e enxerga com os olhos do imaginário.

Mas sabemos que o trabalho com esse gênero em sala de aula é ainda visto como um desafio e muitos professores resistem, limitando-se, na melhor das hipóteses, a focar o conteúdo, e isso acaba por minar a relação do aluno com a leitura literária. Espeiorin (2010, p.19) contribui afirmando que “O professor deveria ir além da atitude de somente levar à sala de aula uma poesia para ser lida ou utilizada didaticamente. Essa poesia precisa dialogar com o aluno, fazendo-o refletir sobre o mundo e os movimentos que ela apresenta”. Para se trabalhar com este gênero, é preciso antes conhecê-lo e gostar, e levar também em conta que os alunos já trazem consigo uma “bagagem cultural”, assim eles terão mais chances de gostar do gênero. O aluno deseja ter um professor que o apresente a leituras que o

provoquem, desafiem e que busquem em vez de respostas, novos questionamentos. A literatura reclama seu espaço nas escolas, na vida dos educandos.

Somos levados a questionar o porquê de a literatura ainda ser usada com fins didáticos e ideológicos, Almeida (2011, p.257 *apud* NUNES, 2012, p. 59) salienta sobre o contexto educacional brasileiro com relação à leitura e a literatura se encontra de forma que “o grande paradoxo da boa educação: ela fala sobre leitura, mas não a deixa se fazer; fala sobre leitura, mas não a pratica. A leitura, a literatura, a formação humana ocorrem, então, apesar da escola”.

É preciso ver o gênero poesia como um jogo, como enfatizou Huizinga (2000). Jogo este que é mais que somente palavras, mas é também imagem, som que provoca emoções, sensações e ideias através de recursos linguísticos, é preciso o estímulo ao olhar de descobertas, pois eles atuam sobre os sentidos, despertando inúmeras sensações. O nosso país carece de leitores competentes, é preciso buscar novas formas de atrair as crianças à leitura, e o gênero poético é o primeiro que a criança estabelece contato desde muito cedo com as cantigas de ninar, canções folclóricas, parlendas, trava-línguas, adivinhas, cantigas de roda, etc., ela desde cedo já é embalada pela poesia. Então como define Carvalho (2010, p.5) em seus estudos “acredita-se que a utilização da poesia é uma eficiente prática pedagógica que pode fomentar o prazer pelo texto poético e literário, contribuindo assim à formação de leitores”.

1.3 LINGUAGEM POÉTICA: mais que estética.

Na leitura de algum poeta, ou escutando letras de música, vivemos momentos em que as palavras adquirem uma força incomum [...] um lado escondido poucas vezes visitado pelo nosso pensamento. (...) A sensação provocada pelo contato com a natureza, uma situação cotidiana, ou o convívio de alguém, tem um sabor diferente para cada um de nós e, se fossemos escrever sobre isso, nunca dois indivíduos usariam as mesmas palavras. (PAIXÃO, 1983 p.7-8)

Ao falarmos do poético e da sua linguagem, vale ressaltar que sua função vai muito além da estética, é como define Huizinga (2000), ela é litúrgica, é nela que o

poeta experimenta a sensação de ser inspirado de fora, se encontrando mais próximo da sabedoria, mas também da demência, abandonando totalmente a razão e a lógica, que é característico da linguagem sacerdotal e dos oráculos dos povos primitivos. A poesia precisa ser exorbitante. Ela joga com as palavras de maneira harmoniosa e é injetada de mistério.

A essência da linguagem poética está para além do visível e do aparente, ela se encontra no plano da emoção, do imaginário e da memória, cada leitor ao se abstrair do texto poético lhe atribui sentido, essa é a magia do texto literário, e principalmente da poesia, ela multiplica-se em diversos sentidos dependendo do olhar do seu leitor. Vai ainda muito além de serem somente palavras, são signos que expressam emoções, através de imagens, sonoridade, símbolos, metáforas, alegorias, rimas e ritmos. Para Huizinga (2000), ela é jogo com as palavras, jogo este que atrai as crianças, e principalmente provoca o gosto pela arte de lidar com as palavras, que se incumbe a literatura. Cabe aqui a ideia de Coelho (2000, p.222):

O jogo poético, além de estimular o “olhar de descoberta” nas crianças, atua sobre todos os seus sentidos, despertando um sem número de sensações: *visuais* (imagens plásticas, coloridas, acromáticas, etc); *auditivas* (sonoridade, música, ruídos...); *gustativas* (paladar); *olfativas* (perfumes, cheiros); *tácteis* (maciez, aspereza, relevo, textura...) *de pressão* (sensações de peso ou de leveza); *termiais* (temperatura, calor ou frio); *comportamento* (dinâmicas, estáticas...).

Assim, a partir da afirmativa da autora acima citada, acredito que a educação que visa à formação do leitor, deve partir do princípio de que a criança, leitor em formação, necessita do “olhar de descoberta”, da realidade que a circunda, ter consciência de si mesma e do meio em que vive e “enriquecer-lhe a intuição daquilo que está para além das aparências e ensiná-la a se comunicar eficazmente com os outros (COELHO, 2000, p. 223), o meio para tanto é a linguagem poética.

Meschonnik (2006) traz uma abordagem em que considera a linguagem por si ordinária, mas a poesia a converte em não ordinária, e busca refletir sobre a linguagem poética ao buscar encadeamento entre o oral e o escrito. Para o teórico, a linguagem poética possui oralidade, um gestual. A modernidade está voltada para a oralidade, não se pode separar a oralidade do escrito na linguagem poética, assim ele afirma:

[...] não entendo esses efeitos clássicos do dualismo, que dividem a poesia entre uma poesia completamente visual, gráfica, [...] e uma poesia sonora, que volta ao espetáculo e, no limite, fora da linguagem, só alimenta uma confusão. (MESCHONNIK, 2006, p. 35)

E para ser crítica toda escritura, deve ter a função do que inventa do sujeito, do social e da oralidade. E estabelecer uma interação entre a concepção etnológica da oralidade e uma poética da oralidade. A voz é o lugar de produção da poesia e da linguagem em geral, é como se houvesse voz no silêncio, e silêncio na voz, os silêncios fazem parte da linguagem e nós a damos voz. Os elementos que compõem a poesia a dão oralidade, como as metáforas e o ritmo, este é elemento da voz e um elemento da escritura. “O ritmo é o movimento da voz na escritura. Com ele, não se ouve o som, mas o sujeito”. (MESCHONNIK, 2006, p. 43)

Souza (1994, p.151) reconhece na linguagem poética a imaginação como elemento essencial na constituição do conhecimento, ela se funde com a fantasia, com o irreal, pois para a criança não há limites rígidos entre imaginação e realidade. A linguagem precisa da libertação e criação, pois a criança está sempre pronta para mostrar outra possibilidade de apreensão das coisas, do mundo e da vida, pois segundo a autora “uma tal concepção de infância não é algo que possa ser compreendido antes da linguagem ou independentemente dela, pois é na linguagem e pela linguagem que o homem constitui a cultura e a si próprio”.

Vale ressaltar alguns estudos que se voltam para a compreensão e reflexão acerca da arte da poética, como Azevedo e Melo (2012) que acreditam que a linguagem poética é um caminho para a formação de leitores competentes e que na linguagem poética a multivalência semântica e plurissignificação das palavras pode levar o leitor a ter contato com o emocional, com o mundo empírico e com o histórico-factual. Assim eles acreditam que as crianças têm uma espontaneidade que facilita sua adesão à poesia, que é um desafio, e elas por sua vez buscam novas experiências a cada leitura que fazem.

1.4 PÚBLICO INFANTIL: transformações

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). [...]. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. (KRAMER, 2007, p. 15)

Para compreendermos a criança, as suas necessidades, faz-se preciso entender um pouco do histórico da infância, e das transformações que esta fase passou. E para tanto temos a reflexões de Ariès (1981), que contribui grandemente ao traçar o histórico da infância e da família. Nesta abordagem, ele evidencia a situação e o percurso histórico do conceito de infância, como já citado acima. Antes, não existia a fase que hoje consideramos como infância apenas o seu tamanho distinguia as crianças dos adultos, ou melhor, “eram adultos em miniatura”, eram tratadas de maneira insignificante e por elas a sociedade não tinha um interesse particular. Consta que no País Basco havia o hábito de quando as crianças morriam sem batismo enterravam-nas no jardim de casa. Em relação às suas vestimentas, assim que saíam dos cueiros eram vestidas como os homens e as mulheres, e só no século XVII que as crianças burguesas começam a trajar-se de maneira diferente. Tal era a condição destes que não era raro que meninas e meninos entre 13 e 14 anos se casassem, eram obrigados a terem uma vida adulta muito precocemente.

Por volta do século XVIII, após transformações lentas, surgiram alguns tipos de crianças mais próximos do sentimento moderno, inicia-se uma breve representação sentimental da criança, e isso se se inicia na pintura, em que há uma idealização da infância e de sua graça. Oliveira (2012, p.22), em seu estudo, também se baseou na reflexão de Ariès, afirmando que:

Na Idade Moderna (século XV ao século XVIII), as transformações no sistema econômico e político geram, num processo dialógico, mudanças na organização da sociedade, que refletem diretamente no tratamento da

infância. A burguesia e a influência do cristianismo instauram o tempo da busca de um comportamento mais racional no trato com as crianças.

Mas o marco para essa mudança dá-se na instituição da família burguesa, com papéis e modelos ideológicos estabelecidos para os membros desta, em que o pai era o responsável pelo sustento da família, a mãe a guardiã da família e particularmente dos filhos, e o papel da criança, começa a se modificar, assim coloca Phillipe Ariès (1981, p.138):

Antes, a infância era mais ignorada, considerada um período de transição rapidamente superado e sem importância que a criança havia adquirido dentro da família e dentro do sentimento da família.

Depois da família, surge outra importante instituição, a escola, em que este ambiente torna-se essencial para a vida social da criança, para para Varet (1966) *apud* Ariès (1981, p.74), “a educação das crianças é uma das coisas mais importantes do mundo”. A escola assume o papel de introduzi-la na vida adulta, surge assim o interesse pela formação pedagógica, mas nisso reside uma oposição, pois esta passa a ser uma espécie de confinamento para a criança que tem por objetivo discipliná-las, isso pode explicar a relação minada entre a criança e a literatura e conseqüentemente do ato de ler.

Há também o prolongamento da infância, e lembrando que só o sexo masculino tinha o direito de estudar, o sexo feminino demorou a conquistar esse direito. A escola representava uma iniciação social da passagem da infância para a vida adulta, e para elas agora eram produzidos os brinquedos e os livros.

E nesse novo processo no qual as crianças estavam sendo inseridas, inicia-se a literatura infantil, que é algo imprescindível para a aprendizagem das crianças, sendo um produto da sociedade contemporânea, mas desde muito tempo a contação de histórias sempre fascinou as crianças. Começa a se desenvolver um mercado voltado para esta literatura, na França e na Inglaterra, e se fortalece mais ainda com a Revolução Industrial. Trata-se de uma literatura que visa a um mercado específico e que precisa respeitar certas características e motivar o público alvo para melhor circulação e consumo. Cabe a seguinte afirmação “Pode-se dizer que é nesse momento que a criança entra como um valor a ser levado em consideração no processo social e no contexto humano”. (COELHO, 1991, p.139).

Held (1980) nos faz refletir sobre a criança como ser que gosta de brincar com as palavras, com a imaginação, e no plano das interpretações e do conhecimento elas não possuem ainda normas, ela tem necessidade de escapar de si mesma pela ficção, e é na escola que se deve fazer com ela adquira maturação, tornando-a capaz de reflexões adultas, assim precisa-se auxiliá-la a manipular essa imaginação criadora, e isso supõe constante diálogo.

As crianças ao entrar em contato com animais, plantas, ela tenta estabelecer relações, seus desejos estão na medida do seu mundo, de suas preocupações e de seus problemas, assim quanto à educação delas “[...] será estimulante e libertador qualquer tipo de linguagem ou de história que incite a criança a lançar sobre as palavras um olhar novo, qualquer texto em que a magia da palavra ultrapasse o sentido [...]” (HELD, 1980, p. 215)

2. RICARDO DA CUNHA LIMA: o leitor de cabeça pra baixo, pedindo bis.

Hoje eu quero entrar pra fora
e quero sair pra dentro!
Quero uma curta demora
e quero virar em frente!
Hoje eu quero correr lento,
lá e cá na mesma hora,
isto e aquilo ao mesmo tempo!
(LIMA, 2010, p 4-5)

As crianças que gostam de brincar com as palavras, com a sua língua, e de dar “asas” à sua imaginação nada melhor que estar em contato com a poesia, pois esta, assim como a prosa, é muito boa, uma vez que ela pode possibilitar a expressão das sensações, dos sonhos, das emoções e da vivência dos seus leitores, por meio do discurso lúdico. Ela ainda pode criar um mundo mágico, provocando o sensorial, despertando nos pequenos leitores iniciantes o prazer pelo ato de ler e de viajar no “mundo” das palavras. Ao leitor que se está formando, a poesia tem a capacidade de levá-lo à alteridade, educando-o, divertindo e guiando-o a estabelecer relações significativas à sua volta, por que “há certa magia no ato de ler que nos toma e transforma” (PINA, 2012, p. 206).

Ao se falar dessa boa poesia, capaz de elevar o seu leitor a possibilidades infinitas, vale conhecer a arte poética de Ricardo da Cunha Lima. Este é um poeta, nascido em 1966, que quando ainda estudava para ser cineasta escreveu o seu primeiro livro para o público infantil, em 1988, denominado *Em busca do tesouro de Magritte*, ele também é professor da área de Língua e Literatura Latinas da Universidade de São Paulo – USP e membro de diversas associações científicas e culturais. Foi por vezes agraciado como autor de literatura infanto-juvenil e de poesia infantil, sendo premiado várias vezes, incluindo por duas vezes o Jabuti, importante prêmio literário do Brasil, iniciado em 1958, e é um importante evento que movimentou o mercado editorial. Também ganhou prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte e da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Ricardo da Cunha Lima é autor ainda das obras *Bis* (2010) e de *Cabeça pra baixo* (2000), ambos publicados pela Companhia das Letrinhas, este recebeu os prêmios Jabuti 2001 de Melhor Livro Infantojuvenil, APCA (2001) e o White Ravens 2002, além do selo Altamente Recomendável Poesia da FNLIJ. Estas verdadeiras obras-primas não são apenas livros de poesia, mas também um manual de aprender a ler e a escrever poesia, ele leva o seu leitor aos bastidores do fazer poético, explicando o que é rima, métrica, aliteração, soneto, entre outros conceitos, isso evidencia que ele teve a pretensão de que seu livro não fosse apenas mais um livro nas estantes das bibliotecas escolares, mas um livro que o professor, mediador da leitura, pudesse levar para a sala de aula, e educar seus alunos pelo poético, levando-os a brincar com as palavras, e também com o jeito de ver o mundo. Este poeta, de forma muito cuidadosa, elaborou um trabalho magnífico com a linguagem poética, misturando e reorganizando as palavras, provocando o imaginário e a memória de seu leitor mirim (vale ressaltar que a sua poesia encanta leitores de variadas faixas etárias), ele dá uma verdadeira aula sobre poesia, ao terminar a leitura todos querem pedir “bis”.

Em *De cabeça para baixo*, há uma verdadeira viagem pelo imaginário, tem-se “O sapato perfumado”, que é maluco e vaidoso e que se casou com a meia do garçom, tem também “A abelha-Marinha” que fazia mel salgado, ainda há “Os óculos chorões” que a cada cena trágica chorava rios de lágrimas, e ainda “O aspirador de pó”, que tinha um defeitinho só, era alérgico a pó, há em meio ao jogo das palavras um “O bruxo Malaquias” atrapalhado como ele só, há “O palinete” com dupla função, “A calça folgada”, que de tão folgada, que sua dona levantou e ela ficou sentada, há

ainda um soneto estrambótico (de caráter renascentista, satírico e composto acrescentando uma “cauda”, ou seja, um terceto após a quarta estrofe), tem também “A manteiga derretida” que não podia ir à geladeira, tem “A casa valente” do vizinho, que saía sozinha pra todo lado, e vários outros poemas que encham os olhos do seu leitor, que em meio a rimas, imaginação, memorização, ainda tem uma conversa a mais sobre rimas, ritmo, estrofes, sonetos, formas fixas, etc., como o autor define há uma poesia bem curtida, porque o poeta considera o seu leitor curioso:

[...] pelo jeito você é um leitor bem curioso (QUE BOM!!!), não se contentou com aquelas notas meio curtas que eu pus junto a alguns poemas e quer conhecer mais do mundo da poesia. Então vamos lá! Quero ver se consigo chamar sua atenção para detalhes que, quando percebidos, fazem você gostar mais dos poemas, entendendo-os ainda melhor. (LIMA, 2000, p. 40).

O poeta reconhece no seu leitor, alguém que gostou da sua arte de tal forma que quer levá-lo a conhecer o fazer poético, os detalhes que engrandecem a sua arte. Ele explica ao leitor mirim, com uma linguagem simples, mas extremamente enriquecedora, e o mais importante exemplificando o que são as rimas e seus esquemas, a aliteração, o refrão, o ritmo, a antítese, o soneto, o soneto estrambótico, o vilancico e o vilancete, o limerique, maiúsculas X minúsculas e a diferença entre poesia e poema. Assim ele acredita no potencial do seu leitor, que pode sim gostar de poesia e entender a sua engrenagem, que pode saber nomes de formas de versos de origens diversas, e ainda o leva a conhecer outros poemas, utilizando trechos destes como exemplos para explicar a sua teoria poética, tal como a “Canção-Ballet” de Mário Quintana, as quadrinhas de Fernando Pessoa, “Soneto de um domingo” de Vinícius de Moraes, Cecília Meirelles em “Inscrição na areia” e “Roda na rua”, e também um trecho do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, um conjunto de poemas publicados em 1516.

Em *Bis* (2010), Lima mais uma vez encanta o seu leitor, traz poemas com jeitos de prosa, com rimas ligeiras, versos que transcendem o papel, com humor e leveza, dá uma verdadeira lição de poesia, fala de “Vontades” estranhas, mas possíveis, ainda tem “A máquina de fazer chuva”, “A sanfona e a viola”, duas sertanejas cheias de saudade do seu ranchinho beira-chão, uma inversão dos “Provérbios Novos”, mais uma vez temos o “Bruxo Malaquias”, o mesmo bruxo maluco lá de *De cabeça pra baixo*, há “Casamentos” que ao contrário do que se

pensa tem o maior cabimento, como exemplo o seu Bolo que é casado com a Dona Bola, um guarda-chuva que fazia xixi, entre tantos outros poemas muito legais.

E mais uma vez temos a Poesia bem curtida IV (seguindo a ordem da publicação dos seus livros de poesia), ele mais uma vez tem uma conversa especial com seu leitor:

Olá, meu amigo! Como vai? Tudo bem? Continua curioso? Chegou a hora de mais uma conversa sobre os bastidores da poesia, o momento em que posso falar de alguns detalhes importantes do trabalho do poeta. [...] Desta vez, quero tornar nossa quarta conversa muito especial, pois ela representa a conclusão de um ciclo [...]. (LIMA, 2010, p. 41)

O poeta dialoga com seu leitor, explicando-lhe o que é verso, prosa e ritmo, também sobre a escansão, a musicalidade, o timbre, a aliteração, assonância, paronomásia, refrão e rima, verso branco e verso solto, estrofe, a aparência gráfica, forma e sentido, verso livre, poema em prosa e prosa poética, tradição poética, dadaísmo, provérbios, movimentos literários e as inúmeras maneiras de se fazer poesia. Lima auxilia o seu leitor a adquirir conhecimentos, que talvez ele só viesse a conhecer “mais tarde” (ao avançar para as séries finais do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio), dando ao seu leitor oportunidades de conhecer também outras formas de se fazer poesia, demonstrando que não há uma fórmula única, mas ao contrário muitas maneiras e belas possibilidades, “sendo assim, eu vou ficar torcendo pra você, amigo leitor, se sinta encorajado pela conversa que tivemos e queira também fazer seus poemas, do seu jeito! [...]” (LIMA, 2010, p. 60).

Além de incentivar a formação de um leitor, ele o incentiva a também ser um poeta, tendo o seu estilo próprio, de criar e recriar e não somente reproduzir. Assim a linguagem poética é muito importante para o desafio de se formar leitores, sendo fonte de saber e de percepção da sua condição de sujeito, a leitura de poesia demanda uma leitura sensorial, emocional e cognitiva e ainda racional, que nas palavras da estudiosa Bastos (2011, p. 3):

O aluno pode vivenciá-la de modo crítico, assumindo atitude de sujeito, pois todas as atividades das quais o texto participa precisam ter sentido, para que dele se resguarde o significado maior. A formação de um leitor competente é também a formação de um ser sensível, inteligente e aberto para o aprendizado constante. A leitura transcende o ato simples de decodificar as letras, formar leitores vai além de se propor a leitura de textos, é também ler o mundo, lembrando Paulo Freire.

Assim, ler, seja textos literários ou não, prosa ou poesia, o que importa é que ao ler transcendemos, estabelecemos um contato íntimo e infinito com as possibilidades da nossa imaginação, dando voz à criatividade, e podendo vir a ser também produção e novamente leitura, assim se cria um ciclo como ressalta a estudiosa acima citada.

2.1 VONTADES, E OUTROS POEMAS: provocando o imaginário do seu leitor.

O próprio da linguagem poética e fantástica, o que a torna insubstituível na formação equilibrada de uma criança é sua essência multívoca [...]. Afirma e confirma que a linguagem, longe de ser apenas pressão recebida de fora, é material para jogar, para sonhar, para rir, para acariciar, para virar, revirar. [...] Desbloqueia o imaginário e recria a fascinação primeira da palavra. (HELD, 1980, p. 215)

Educar e instigar o imaginário pelo poético é uma maneira de levar o leitor a adentrar no universo literário, atribuindo sentido ao texto, refletindo, e descobrindo a beleza e o poder das palavras, e conseqüentemente passando a portar-se criticamente diante do mundo, quebrando clichês e estereótipos, desbloqueando e fertilizando o imaginário, como colocado na epígrafe acima. Nessa perspectiva o fazer poético de Ricardo da Cunha Lima, à medida que tem a capacidade de provocar intensamente o imaginário do leitor, que pode se ver instigado pela imagem do poema, e esta se apresenta ligada ao visual e ao sensorial.

Pensando em instigar o seu leitor, que ele julga ser curioso, Lima (2010) traz em seu poema denominado “Vontades”, uma seleção vocabular, que evoca a imaginação do seu leitor. Nesse poema percebe-se de primeiro instante que o poeta priorizou a imagem, os sentimentos e a imaginação, tendo assim um caráter mais emocional, e também humorístico. No que tange à métrica, o poema compõe-se de três estrofes de sete versos com sete sílabas cada, com esquemas de rimas diferenciados entre elas. O que mais torna atrativo o poema em relação à sua imagem é a exploração dos contrários, ou seja, o uso da figura de linguagem ou de estilo denominada antítese, que consiste na aproximação de ideias opostas, o que

enriquece seu poema, e nas palavras de Goldstein (1991, p. 66) “ao empregar figuras na construção do poema, o poeta cria sugestões múltiplas de significação, tanto no plano denotativo como no conotativo”.

O eu-lírico deseja entrar para fora, sair para dentro, quer uma curta demora/virar em frente/correr lento/estar lá e cá na mesma hora/ou isto e aquilo ao mesmo tempo/, ainda quer subir pra baixo, descer pra cima, encarar de lado, quer um quadrado sem quina, se secar na piscina, gritar calado, ver modernas ruínas, dormir no teto, afastar pra perto, aproximar de longe, e quer mesmo ser feliz ontem, pois amanhã ele já fez. A cada verso do poema o leitor com os olhos do imaginário tenta estabelecer em seu pensamento como pode se dar essas relações antagônicas, o leitor pode ainda tentar através das sensações provocadas pela linguagem poética perceber as relações das contradições da vida, dos “contrários” que há em nossa sociedade, e como às vezes temos o desejo de unir coisas que na realidade imediata apresentam uma impossibilidade de união. A antítese foi muito utilizada na poesia barroca, nos sonetos camonianos, nos sonetos de Vinícius de Moraes, e se apresenta fortemente nesse poema contemporâneo de Lima (2010), que também nos sugere um caráter revolucionário do eu-lírico, que deseja se arriscar no diferente pra buscar a felicidade e a completude.

Sendo assim pode-se afirmar que a escolha do poeta para com a linguagem e os recursos a serem usados no seu trabalho de “lapidação” das palavras é intencional, ele sugere o brincar, o recriar pelo viés do imaginário, e a criança gosta de brincar com as palavras, com a sua língua, com a festa da linguagem ela se sente atraída, uma vez que o texto poético pode retratar também os seus desejos, as suas vontades, fazendo “com que surja – no leitor – a visualização de seus próprios anseios ou ideia de felicidade” (ABRAMOVICH, 1991, p.81), é o faz-de-conta que pode ser usado a seu favor, por que a criança é capaz de reelaborar e reorganizar seu mundo externo pelo encantamento e pelos “voos imaginários”. As vontades do eu lírico, alimenta as do seu leitor, oferece através do jogo dos contrários, raízes para a imaginação, que não extirpa a razão, mas a completa, em consonância coloca HELD (1980, p. 48):

[...] razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas, ao contrário, uma pela outra. Não é tentando extirpar da infância as raízes da imaginação criadora que vamos torná-la racional. Pelo contrário, é auxiliando-a a manipular essa imaginação criadora cada vez com mais habilidade [...]

A *poiesis*, segundo Huizinga (2000 *apud* Espeiorin, 2010, p. 33), tanto nas civilizações vivas, como nas culturas mais remotas a poesia cumpre seu papel, exercendo uma função vital, segundo esse estudioso ela sempre antecedeu a prosa no que tange à expressão do solene e do sagrado por ser o veículo mais adequado para isso.

Assim Ricardo da Cunha Lima soube produzir ideias com seus versos, dizendo coisas que talvez nunca tivéssemos pensado ou escutado, mas que ao serem lidas pelos pequenos leitores ávidos e curiosos elas podem atingir com a força de uma verdade óbvia, os seus poemas têm a capacidade de:

[...] reproduzir com palavras as emoções mais complicadas que sentimos ou que podemos imaginar alguém sentindo. Usam a linguagem poética para discutir ideias filosóficas, conceitos abstratos que conseguem transpor para uma linguagem mais acessível. Conseguem contar histórias, provocar gargalhadas, emocionar, [...] usando apenas as palavras. (TAVARES, 2005, p. 22).

Em outro poema denominado “Casamentos”, Lima (2010), mais uma vez trabalha magnanimamente com as palavras. Este poema que ele dedica a escritora de várias obras infanto-juvenis Tatiana Belinky, (falecida em junho de 2013), é composto por sete estrofes, de cinco versos, com esquema variado de escansão das sílabas, este poema é denominado como um limeriques, que ele se inspirou no livro *Limeriques* de Tatiana Belinky, “com poemas amalucados, que me indicou caminhos, serviu de inspiração e, durante todo esse tempo, me manteve animado no meu projeto” (LIMA, 2000, p. 39), afirma ele em uma nota para “os curiosos” no poema *Agradecimento a Tatiana Belinky*, isso nos leva a supor que limeriques seja um estilo de fazer poesia, ele afirma que há muito tempo tinha a ideia destas histórias, mas não sabia em que formato escrevê-las e como desenvolvê-las, e Belinky o inspirou, por isso ele se sente agradecido.

No seu formato que ele denomina “amalucado” de contar sua história, ele apresenta para seu leitor uma lista de casamentos que tem o maior cabimento:

Existem alguns casamentos
Que tem o maior cabimento.
O nome, afinal,
Os torna um casal
Unido desde o nascimento.

Então fui fazer uma lista

Que quero passar em revista:
Tente adivinhar
De quem vou falar
E fique de olho nas pistas.

[...]
(LIMA, 2010, p. 18)

O eu-lírico interpela o seu leitor, “embriagado” pela sensibilidade e sonhos da criança, convida-a para a brincadeira, de adivinhar o nome do casal, união que se dá pelo nome, que os une desde o nascimento, o jogo de palavras feito pelo poeta debruça-se sobre a formação do gênero dos substantivos feminino e masculino. Inicia dando as “pistas” a seu leitor, e revela o casal no último verso de cada estrofe, o primeiro casal é o Seu Bolo e Dona Bola, ela é cheinha, salta e rola e ele é bom partido e também querido, o segundo casal é a Tesoura e o Tesouro, ela corta cabelos e ele é rico e não abre o bico, o outro par é Seu Colo e Dona Cola, ele a todos consola e gosta de viola e ela é grudenta e gosmenta, o próximo é o Balanço e a Balança, ela implica com quem tem pança e é pé-no-chão e ele voa altão, já o Rodo e a Roda, formam um belo par, ele acaba com a água toda e usa panos fora de moda, já ela é bem apressada e viajada.

Este poema a cada verso leva o leitor tentar adivinhar, a imaginar o jogo de palavras feito pelo poeta, que articuladamente atribuiu características de personificação a substantivos comuns, atribuindo-lhes um sentido de substantivos próprios, em “Seu Bolo e a Dona Bola” (verso 15), ele antepõe o pronome de tratamento “seu” e “dona” que reforça a ideia de personificação. A presença da rima dá aos versos um ritmo que provoca o imaginário, o leitor é instigado a buscar a imaginar como se dá essa união dessas palavras, que se utilizadas de maneira corriqueira, não possuem um correspondente de gênero oposto, ou seja designam somente o gênero e não o sexo. O poeta cria-lhes uma propriedade de indicação de sexo fictícia, que geralmente a criança costuma fazer, através de sua imaginação fértil, cria “casais” para os substantivos, e também para outras classes de palavras.

Em outro poema denominado “A calça folgada”, Lima (2000), revela ao seu leitor a história de Lindaura, uma menina aplicada e esforçada que ia para a escola, que ficava na entrada da vila, com uma calça que era bastante folgada. Estava Lindaura na sala de aula, sentada colando um papel, e ao levantar para ir para o recreio lanchar, sua calça de tão folgada que era, ficou sentada e lá se foi Lindaura.

Este é mais um poema, que pode fazer os olhinhos dos seus pequenos leitores brilharem levando-os ao fluir da imaginação. Para tanto, o autor representa uma situação corriqueira para as crianças, que é ir para a escola, e aguardarem ansiosas pelo sinal para ir para o recreio, no poema, temos uma situação inusitada, o que gerou um humor pelo fato da personagem ficar sem calça. Mais uma vez temos a personificação de um objeto, a calça, o poeta atribui o adjetivo “folgada” a esta, e de tão folgada, resolveu ficar sentada.

Um outro aspecto relevante neste poema, é o trocadilho que foi feito como o adjetivo folgada, que na primeira estrofe “[...]Lindaure/ aluna aplicada,/aluna esforçada,/que tem uma calça/bastante folgada.” (LIMA, 2000, p. 17), temos uma característica da calça, de ser folgada, mas no sentido de não caber perfeitamente no corpo de Lindaure. Já na quarta estrofe, que é formada por um só verso, temos “Porém, sua calça...” e quinta estrofe “era tão folgada/que ficou sentada!!” (LIMA, 2000, p. 17), temos o mesmo adjetivo “folgada” para a calça, porém se referindo ao fato de ela ser preguiçosa e não querer se levantar junto com o corpo de Lindaure. O leitor com sua fértil imaginação pode supor que a calça ficou sentada pelo fato de ser folgada a ponto de escapar do corpo de Lindaure e ficar na cadeira, enquanto ela se levantou.

Essa seleção vocabular, que gerou humor, é um recurso utilizado pelo poeta, e tem o potencial de instigar o leitor e desenvolver neste a imaginação poética e a criatividade, através do humor dos personagens elas podem se conhecer e se aceitar, pois, como salienta Held (1980, p.190):

O humor torna a criança criadora. [...] a criança, que, no interior da família, foi habituada cedo, por suas leituras e suas brincadeiras, à manipulação do humor fantástico, torna-se, então, capaz de reutilização pessoal criadora e defensiva diante do mundo que a cerca.

A criança que, na escola, em casa, bibliotecas, etc., tem contato com leituras literárias que a fazem viajar pelo “mundo da imaginação”, criar e recriar, desenvolve um potencial crítico e produtivo, e isso se deve ao fato de a literatura, em especial a poesia, não ser apenas a palavra, tal como elemento isolado, mas de ser um conjunto da linguagem global, e dessa riqueza ser fascinante aos leitores em formação.

Pode-se então inferir que Lima (2010) ao fazer esse jogo com as palavras, demonstra uma intencionalidade, pois o autor constrói um leitor imaginário, como coloca Eco (*apud* Ramos, 2006, p. 84) “[...]. Escreve-se pensando em um leitor, assim como o pintor pinta pensando no observador do quadro. [...] Escrever é construir, através do texto, um modelo específico de leitor”. Essa escrita pode ser capaz de envolver seu leitor pelo lúdico, pelo inusitado, pelo algo a mais que ultrapassa o racional e o consciente e que pode desenvolver um potencial crítico, de duvidar, de questionar, ele se sente “cutucado”, querendo saber mais e mais, ele aprende a gostar de ler por prazer, e vai seguindo pela trilha da leitura e vai encontrando novos caminhos, caminhos que só um leitor ávido pela descoberta consegue trilhar. Pina (2014, p.15), ao falar de uma outra forma de linguagem que contribui na formação de leitores, que é a dos quadrinhos, também assinala a importância da leitura da literatura em nossas vidas e do enriquecimento para a nossa identidade:

A leitura da literatura, quando feita prazerosamente, em exercício de liberdade imaginativa, produz um vínculo emocional forte entre o leitor e o texto. De certa forma, a leitura de um bom poema, conto ou romance pode fazer com que o leitor traga para si características e experiências que jamais poderia ter, não fosse a leitura. Isso enriquece a identidade do leitor e lhe confere uma nova “assinatura”, isto é, mais autonomia, mais confiança, mais criticidade.

Nesse processo em que há uma produção da literatura de qualidade, vale ressaltar a importância do papel da mediação do docente em sala de aula, e também de pais e bibliotecários, todos empenhados na formação do leitor, explorando o que há de melhor na poesia e também em outros gêneros da literatura, que com uma linguagem específica, repleta de recursos imagéticos, sensoriais, visuais, sonoros, etc., que se explorados em sua verdadeira essência podem apresentar resultados animadores e surpreendentes.

2.2 DA SANFONA E A VIOLA, a UBI SUNT? OU QUEM FOI NAMORAR: a musicalidade e o mnemônico envolvendo o leitor.

[...] o público do poeta ama seus textos e os guarda na memória: seu poder de convicção é tão intenso, que o leitor os sente como seus. (BORDINI apud ESPEIORIN 2010, p. 60)

Há poetas que na tentativa de fornecer inúmeras sensações e emoções ao seu leitor utilizam-se de recursos sonoros, gerando uma musicalidade em seus poemas, que não é simplesmente uma musicalidade em si mesma, mas que envolve um complexo manejo com a linguagem, com as combinações sonoras, que se dá uso das rimas, repetição intencional de certos fonemas, etc. E tanto os “pequenos” quanto os “grandes” leitores se sentem atingidos por esses efeitos que criam um ritmo no poema, elemento esse que é a marca essencial da poesia, pois lhe dá a ideia de um acompanhamento musical que é “dado pelos olhos que vão seguindo linhas e linhas, dado pela voz que fala, pelo corpo que se move junto, seguindo o compasso dos versos, a cadência do poema, o envolvimento acontecendo por inteiro” (ABRAMOVICH, 1991, p. 76). No Trovadorismo temos os poemas canções, as famosas cantigas de amor, de amigo e de escárnio, já no Simbolismo também se fazia constante o uso da musicalidade na poesia, percebe-se esse uso, por exemplo, nas poesias do grande poeta Cruz e Sousa, o que nos leva a perceber a presença de uma fecunda afinidade entre música e poesia.

Lima, em seus poemas, também faz uso constante destes recursos sonoros, acrescentando mais um aspecto positivo que completa a sua poesia, tornando-a um texto transformador para os leitores, ele coloca no findar de sua obra, que a poesia tem estrita relação com a música:

[...] a poesia nasceu como música, ou seja como canção. Não é por acaso que a palavra ‘poema’, na sua língua latina, se dizia ‘*carmen*’. Essa palavra *carmen* tem a mesma raiz, isto é, a mesma origem de ‘cantar’, ‘canto’ e ‘canção’. Isso mostra que, já entre povos antigos, a ideia de poema estava associada à ideia de cantar, ou seja, à música. (LIMA, 2010, p.45)

“A Sanfona e a Viola” é composto de quinze estrofes de quatro versos, formando a famosa quadra ou quadrinha, que se constituiu como a forma poética

considerada mais popular da nossa língua. O esquema de rimas usado pelo poeta é sempre rimando a última palavra do segundo verso com a do último, apresentando um esquema ABCB, com rimas exatas ou consoantes, que são aquelas que exigem a igualdade de som no final de dois versos da vogal da sílaba tônica em diante. Com habilidade ele descreve em tom de prosa, uma longa viagem do Violão, que deixou no sertão, num ranchinho beira-chão, suas filhas a Viola a Sanfona, que estavam morrendo de saudades, aguardando ansiosas o retorno do pai, e tinham para ele uma bela surpresa, haviam ficado banguelas, podiam dar a ele um sorriso com janela, Papai Violão com muitas saudades, chegou tocando uma modinha, e de lá de dentro de casa vieram as suas filhinhas, ele as abraçou, e beijou com muita emoção, reparou nas suas caboclinhas banguelas, uma perdeu uma tecla e a outra uma corda e esse foi o sorriso mais lindo recebido em sua vida.

Nesse poema o poeta brinca com o uso da linguagem do dialeto caipira, uma linguagem que é do cotidiano dos personagens, e que representa também ao seu leitor a diversidade da nossa língua, que é vasta e muito rica. Ele também fala de uma situação comum na infância, que é as crianças perderem os seus dentes de leite, mas as personagens não ficaram tristes por estarem “banguelas”, pelo contrário, elas agora poderiam sorrir com janela, é aí que podemos perceber o quão próxima está a poesia da infância, ela fala de seu mundo, do seus sonhos e de seus medos, etc.

O poeta faz uso da personificação de substantivos comuns, dando-lhes um caráter de substantivo próprio, ao transformá-los em personagens. Mas o que mais pode atrair o leitor nesse poema, que já no título e nas personagens (Viola, Sanfona e Violão) dão indício de que há uma musicalidade, é a presença do ritmo, que lhe é atribuído pela cadência sonora dos versos, que não são formados pelo mesmo número de sílabas, essa composição indica que houve um rompimento (que foi iniciado pelos modernistas da geração de 22) com a métrica regular e constante. Lima (2010) faz uso do verso livre, e isso nos sugere também uma mudança de ritmo, uma vez que o esquema de sílabas tônicas é alterado. Mesmo não havendo o uso de uma métrica regular, não significa que o poema não tenha ritmo, temos apenas uma proposta variada de composição poética, um olhar novo, um papel revolucionário, isso porque segundo Goldstein (1991, p. 58) “a poesia contemporânea se organiza em poemas de formas não-fixas, ou melhor, não prefixadas”.

Quem lê o poema de Lima (2010) mesmo em silêncio não consegue lê-lo sem deixar de lembrar de algumas sonoridades, pois “ todo leitor, mesmo aquele mais desatento, registra mentalmente o som de muita coisa que passa pelos seus olhos” (TAVARES, 2005, p. 37). Na sua escrita poética os leitores podem ler como se cantassem, a sua musicalidade se dá através do timbre poético, que é estabelecido pelas vogais, que em alguns versos, as vogais das palavras que rimam são pronunciadas em timbre aberto, outras em timbre fechado, como em *sertão/beira-chão*, ambas da primeira estrofe, em que a vogal *a* tem um timbre fechado, há também nos versos do poema o uso constante de consoantes labiais como /p/ e /b/ e outros com as nasais, como /m/ e /n/.

Ao trabalhar com a repetição sonora o poeta evidencia o quanto o timbre das vogais auxilia na construção da musicalidade, o poeta não trabalha somente com a variação para criar efeitos musicais, mas também com a repetição, recurso importante que pode ocorrer de diversas maneiras, como no uso da aliteração, assonância, refrão e rima. A aliteração é “a repetição muito próxima e constante de sons de consoantes” (LIMA, 2010, p. 47), ele utiliza esse recurso no referido poema, onde percebemos uma constante repetição de consoantes, sendo esta diversificada em cada verso ao longo poema, como exemplo, temos o quarto verso da segunda estrofe, em “quando ouvimo papai no portão”, fica evidente uma sonoridade que foi gerada pela repetição da consoante /p/, em duas palavras próximas, “papai/ portão”, mas o que fica mais evidente ao leitor no poema é a repetição das vogais, a chamada assonância, que “é a repetição seguida e insistente de sons de vogais” (LIMA, 2010, p. 47), ao longo das quinze estrofes percebemos esta repetição, como no terceiro verso da quarta estrofe “o nosso paizinho querido” e no segundo verso da quinta estrofe “nóis paramo co carinho”, essa repetição em ambos os versos da vogal /o/ gera uma sonoridade perceptível para o leitor, que o atrai ainda mais para o texto.

Outro aspecto relevante desta poesia é a sua disposição de estrofes em quadras, que nos remete à literatura de cordel, que também é caracterizada pelo uso da rima, e esta dá um “toque” especial no poema, acentuando a sua musicalidade e a relação imagem e som, e segundo Bosi (2000, p. 31) “toda grande poesia, nos dá a sensação de franquear impetuosamente o novo intervalo aberto entre imagem e o som”. O renomado linguista Saussure já expressava sua teoria de que a linguagem humana é pensamento som, e no poema reina o som, em Lima

(2010) temos as duplas de palavras que rimam, e ao haver a presença desse importante elemento recorrente, há uma apelação para o leitor, da sua audição e da sua visão, isso revela os aspectos palpáveis da poesia, que é a sua forma, seja sonora, visual, aparente, e ainda o seu sentido, ou seja, a parte intelectual da composição.

É como ouvir algo, uma música em língua que não conhecemos, mas conseguimos, mesmo sem entender, cantar juntos, por causa do seu ritmo, da sua musicalidade, da sua repetição. Lima (2010) ainda reforça a musicalidade através dos refrãos, elementos recorrentes nas canções. O refrão ou estribilho é a repetição de uma parte do poema, percebemos esse elemento no poema de Lima, citado abaixo: repetem-se duas vezes no poema, em primeiro momento, para representar a saudade das filhas pelo pai (a Sanfona e a Viola), no segundo a do pai (o Violão) da sua casa e suas filhas.

Dispois de uma longa viagem,
Andando pelo sertão,
Papai vortô para casa,
Num ranchinho beira-chão.
[...]

Era bem grande a saudade
Que nós tinha no coração
e a saudade se aumentou
quando ouvimo papai no portão.
.
[...]

Só despois de munto tempo
Nóis paramo co carinho
pra fazer uma surpresa
pro nosso querido paizinho.
[...]

Depois de uma longa viagem,
Andando pelo sertão,
Vortei pra minha casinha,
Num ranchinho beira-chão
[...]

Era bem grande a saudade
que eu tinha no coração,
e a saudade se aumentou
quando vi de longe o portão.
(LIMA, 2010, p. 8-11)

No poema “Ubi sunt? ou Quem foi namorar...” Lima (2010), mais uma vez o poeta explora criativamente o ritmo e a musicalidade. Em nota de rodapé esclarece aos seus leitores, que a expressão “ubi sunt?”, é uma pergunta em latim e significa “onde estão”, ela é usada para designar um gênero poético que agrupa os poemas de saudade e nostalgia, que perguntam onde estão seus amigos, amores ou as coisas do passado. Disposto em oito estrofes, com numeração de versos diferenciados entre si, percebe-se quão explorada é a sonoridade, que reside primeiramente na rima, não mais em versos diferentes, mas sim nos mesmos versos, como em “Quem foi à **feira** perdeu a **cadeira**.../ Quem foi à **missa** perdeu a **chouriça**...” (*grifo meu*), o que caracteriza uma forma livre de se compor a rima, e ainda forma a figura estilística paronomásia, que se caracteriza pela repetição de sons parecidos, e através da aproximação de palavras e ainda de trocadilhos. No poema em análise percebem-se essas aproximações de sons de palavras no mesmo verso, gerando um som atrativo, e humorístico, pois os leitores podem se identificar com esse jogo que ele faz com as palavras, trocadilhos que fazemos quando crianças, muitos leitores já usaram essas expressões, que já se tornaram provérbios. A criança envolvida pelas rimas, pelo jogo de ler, se torna cada vez mais instigada, se identifica com a *poiesis*, porque, segundo Huizinga (2000, p.88), ela.

[...] está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o animal, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso. Para compreender a poesia precisamos ser capazes de envergar a alma da criança como se fosse uma capa mágica, [...]. Não houve ninguém que soubesse captar, ou exprimir mais claramente a natureza primordial da poesia. [...] a poesia é como um sonho de amor filosófico.

A brincadeira sonora do poema de Lima continua, ele interpela o leitor através de perguntas e repetição de palavras no mesmo verso, após falar de quem perdeu a cadeira, o assento, etc., ele questiona fazendo trocadilhos e dizendo que todos se perderam, “Ubi sunt? onde estão?”, e continua seus trocadilhos, como em:

Além disso me falaram:
O lugar foi ao mar.
Mas quem foi ao mar perdeu o lugar?
Onde será que será
Que o lugar foi parar?
(LIMA, 2010, p. 30)

O poeta com seu jogo de palavras interpela seu leitor, questiona-o, e instiga sua memória através da brincadeira com as expressões, para ele os poetas “podem conseguir muitos efeitos especiais quando se põem a pensar no sentido daquilo que estão escrevendo” (LIMA, 2010, p. 51). Enfim mostra que não há uma maneira única de se fazer poesia, mas muitas possibilidades, brincando com as palavras também se aprende, e que também se pode falar de teoria com uma linguagem clara. Ele dá uma lição de poesia, escreve sua obra voltada para o professor, para que este leve até seus pequenos leitores a magia da poesia, a expressão das coisas solenes, por que “o que você faz do poema, diz o que você faz da linguagem de todos os dias” (MESCHONNIK, 2006, p. 4), é aí que reside a beleza do trabalho do poeta.

Cada elemento ou recurso da linguagem poética tem muito a dizer a seu leitor, assim como a seleção vocabular contribui para instigar o imaginário, também a musicalidade exerce brilhantemente um papel fundamental, que é o de envolver o seu leitor através dos elementos sonoros, os seus efeitos pode levar o leitor através do mnemônico a interagir, de “sentir” a poesia, pois precisamos da palavra para dar sentido ao nosso cotidiano, em específico a criança gosta dos sons, do seus efeitos, segundo Jesualdo (1978, p.179):

[...] a criança gosta de poesia, em primeiro lugar, por que a memoriza sem dificuldade (com efeito, o ritmo constitui um grande auxiliar da memória); além disso, porque seu ouvido é agradavelmente embalado pela cadência dos versos, regularidade do número de sílabas e consonância da rima.”

Então esses leitores em formação precisam estar em contato com o poético, porque a criança tem a alma poética, ela brinca, joga com a linguagem e o faz desde o berço. A linguagem poética revela a intimidade espiritual da criança, é preciso dar a ela esse “alimento” da literatura, da poesia, estimulando-a.

A poesia recorre aos meios psíquicos, sendo um instrumento que em mãos hábeis e sensíveis pode formar leitores hábeis no trato das palavras, leitores sujeitos ao meio, ao mundo que exige tal posição dele, e ao ter contato com o poético esse leitor que está se formando será capaz de dialogar com suas leituras, com si mesmo, e com os outros, Scholes (apud Pina, 2012, p. 206) aponta que “não nos é possível penetrar nos textos que lemos, mas estes podem entrar em nós; e isso precisamente o que constitui a leitura”.

2.3 A TEORIA POÉTICA DO POETA: ensinando o leitor a ler poesia

Motivo

Eu canto porque o instante existe
 E a minha vida está completa.
 Não sou alegre nem sou triste:
 Sou poeta.
 [...]
 Sei que canto. E a canção é tudo.
 Tem sangue eterno a asa ritmada.
 E um dia sei que estarei mudo:
 — mais nada.
 (MEIRELES, 1982, p. 14)

A poetisa Cecília Meirelles, em seu poema “Motivo”, evidencia que o fazer poesia é um exercício de meditação e de sensibilidade, é também manifestação natural das emoções, mas também pode ser mistério, paixão guiada pela angústia, ou expressão da alma, ou mesmo um íntimo alvoroço. Com tantas atribuições, o fazer poético se torna uma arte, que tem como principal matéria-prima a palavra. No poema, as palavras devem ser trabalhadas de maneira cuidadosa e precisa, para que encontrem seu destino, o olhar do seu leitor, ao chegar até ele, estabelecem um diálogo, dando espaço para o ato da recriação.

Escrever poesia é um pertencimento à humanidade, é explorar as possibilidades da linguagem. A literatura se faz por meio de uma linguagem que lhe é própria, é como proferiu Paul Valéry em seu *Cours de poétique* (*apud* Compagnon, 2001, p. 40-41): “[...] a literatura é, e não pode ser outra coisa senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da Linguagem. [...] a literatura como experimentação dos ‘possíveis da linguagem’”, assim a literatura, seja em verso ou prosa, é um trabalho que requer um habilidoso manejo com uma linguagem, que tem as suas características próprias.

Cada situação em nossas vidas exige um determinado tipo de linguagem, e cada mensagem que produzimos tem uma intenção específica, também é assim na literatura, especificamente no gênero poesia, em cujo âmbito são produzidas com intencionalidades diversas.

A linguagem poética é fortemente marcada por características que a tornam distinta da prosa, como a rima, o ritmo etc., viabilizando a exploração de múltiplos sentidos no leitor, provocando seu imaginário, a partir de uma criteriosa seleção e

combinação de sons e forma. Alguns desses recursos podem ser de ordem estrutural, formal ou estilística.

O fazer poético demanda saber produzir ideias com os versos, e lidar com a tríade música, imagem e ideia, pois juntas elas completam a poesia. A música é gerada pela sonoridade, que se dá pela escolha das palavras e pela repetição proposital destas para criação de determinados efeitos. Essa musicalidade gerada pelas palavras sugere a imagem visual do poema, e um dos principais recursos sonoros responsáveis por esse efeito é a rima, que se constitui pela repetição regular dos mesmos sons, produzindo uma impressão de simetria, harmonia e ordem, gerando um ritmo para o leitor/ouvinte, e ritmo em latim significa o mesmo que rima, mas aquele, é gerado pela presença deste e ambos se completam, gerando uma cadência sonora.

No tange à métrica (a exatidão nas sílabas), esta pode ocorrer com certa rigidez e ser de uso obrigatório, mas também pode-se dar o uso do chamado verso livre, em que o poeta pode elaborar seus versos do tamanho que “bem entender”, com ou sem rima, mas para que isso pudesse acontecer tivemos no percurso histórico da nossa literatura movimentos com posturas revolucionárias, como o da geração de 22, com os pré-modernistas, em que escritores e artistas, inspirados por um novo ideal de se fazer literatura e arte causaram rupturas, dando início à uma nova concepção de escrita e de arte. No entanto há ainda pensamentos do senso comum, que acreditam que fazer literatura, especificamente a poesia, não exige técnicas, nem aptidão com o uso da palavra, mas esta se faz necessária sim, como salienta Tavares (2005, p. 9)

Algumas pessoas acham que para escrever poesia a técnica não é importante, o que importa é o sentimento. É uma maneira errada de olhar a questão. Sentimentos, sem técnica, costumam gerar apenas uma mistura de desordem e de lugares-comuns. Na poesia, como na música, a técnica existe para mostrar ao artista uma variedade maior de forma para que ele exprima seu sentimento.

O trabalho do poeta é como o de “lapidar diamantes”, só que ele “lapida” as palavras. E o poeta Ricardo da Cunha Lima mostra-se hábil nesse processo do lidar com as palavras, seus poemas revelam-se ricos no que tange aos aspectos de combinação de palavras, sonoridade, imagens, e da métrica, ele domina habilidosamente as técnicas da linguagem poética e transmite para o destinatário de

sua obra as lições dessa linguagem, ele anseia para que seu leitor leia, conheça e escreva poesia.

Isso evidencia o caráter de contemporaneidade de seu fazer poético. Como ele escreve para o público infanto-juvenil, ele adequa a linguagem e as temáticas a estes, buscando produzir uma poesia contemporânea que difere de diversos aspectos da poesia tradicional, mas que também interage com ela, como ocorre com as quadrinhas. Ele incorpora elementos novos, “brincando” com regras fixas, mas mantendo conceitos, que pelo fato de serem indissociáveis de qualquer poema, como o verso, o ritmo e a estrofe, devem fazer presente. Ele retoma a prática da Poesia Concreta criando poemas visuais, e poemas que fazem uso da linguagem popular, como em “A Sanfona e a Viola”, em que cria uma verdadeira brincadeira com as palavras.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já referido na sessão anterior, sabemos que muitos são os desafios educacionais para se trabalhar na perspectiva da formação de leitores através de textos literários. Quando educadores, pais ou bibliotecários expõem a criança ao contato com os livros, almejam que eles adquiram o hábito da leitura, ou seja, que crianças e jovens tenham em sua vida a literatura como forma de enriquecimento.

Mas devemos ter em mente que, apesar de muitas discussões acerca de que as crianças e jovens leem muito pouco, vale ressaltar que elas leem sim, talvez não leiam o cânone, os grandes clássicos impostos pela escola, leem as obras que mais lhes instigam, um grande exemplo são os best-sellers, que com uma linguagem próxima do mundo das crianças e jovens conquistam-nos.

Sendo assim, temos que repensar que leitor queremos formar, será um leitor que ler por obrigação? Ou um leitor que lê por prazer, lê não somente literatura, mas também todas as formas de linguagem que o cercam? Pensando nesse último perfil de leitor, podemos cogitar em inserir nas salas de aula o trabalho com a literatura, em específico com essa arte chamada poesia, que com seus ínfimos recursos tem um potencial muito grande de despertar o interesse do aluno, mas isto depende da mediação. Cunha (1998, p.120), relata que “a maioria do professorado [...] não gosta de dar poemas em classe: não está despertada para a poesia, e se sente incomodada quando tem de estudar um poema, porque não sabe como fazê-lo.”, assim temos um impasse, mas que pode ser resolvido, pois o professor que almeja despertar o gosto da leitura em seus alunos, vai buscar meios para tanto, e na literatura, no gênero poético ele pode encontrar um meio eficaz, e todas as estratégias de aguçar a sensibilidade da criança e do adolescente são válidas.

Pensando assim é que esta pesquisa visualiza o fazer poético, como uma arte enriquecedora para o leitor em formação, que ao contrário do que se pensam, de que não possuem ainda um senso crítico, ou que não podem compreender a poesia porque é um gênero “difícil”, elas podem sim, tudo depende do mediador. A escolha das obras de Ricardo da Cunha Lima, nesta pesquisa, primeiramente se deveu ao fato de ele produzir uma boa poesia, que mescla diversos recursos do fazer poético, e que não é difícil para o leitor. Lima (2000) e (2010) dá ao professor uma verdadeira aula de poesia, com uma linguagem não muito rebuscada. Ele demonstra no seu texto a sua vontade de que o professor leia sua obra, e que leve para a sala

de aula, que mostre a seus alunos que o ato de ler e fazer poesia é bom e não é difícil, e que podem ser significativos para suas vidas.

O professor com a teoria poética pode ensinar como também aprender, pois ele é tão aprendiz quanto seus alunos, a diferença é que ele é o aprendiz “modelo”, um exemplo para seus alunos. Ao perceber a importância do gênero poético e de suas nuances composicionais, o professor pode explorá-lo para instigar no leitor a imaginação criadora, a exploração sonora e a semântica própria das brincadeiras infantis, levando-as à descoberta do mundo, uma vez que ela está nele, quer se sentir nele, e o pode fazer ao adentrar no universo literário, através da experimentação do lúdico e poético da linguagem, e se a experiência for prazerosa, ela retorna e nesse retorno ela vai se formando como leitora, como cidadã crítica e reflexiva diante de tudo que o mundo lhe apresenta.

A subjetividade e a alteridade proporcionada pela poesia de qualidade, com suas características próprias, constituem-se como instrumentos para a formação, humanização e crescimento dos pequeninos leitores, repercutindo por toda sua vida.

É necessário oferecer ao leitor criança o direito (ainda não oficial) de se formar leitor competente desde muito cedo, pois muitos não tiveram oportunidade para tanto, é comum ver jovens e adultos que descobrem a literatura e se formam leitores já adultos. Sabemos que o crescimento do leitor, não se dá por faixa etária, mas pela ampliação de seu repertório de leituras literárias, ou não, pensando assim é possível flexibilizar as lógicas de formação do gosto.

A poesia está presente no dia-a-dia de todas as pessoas, ela é uma linguagem necessária para a vivência humana, assim é preciso não ocultá-la, como já apontava Carlos Drummond de Andrade (apud Averbuck, 1988, p.67), “é nesse meio que se insere a escola, como facilitadora do processo que eleva a importância, de um ensino voltado para a criatividade como meio formador da sensibilidade”.

Assim o trabalho de leitura a ser realizado em sala de aula é grande e muito importante, e ao professor cabe desenvolver nas crianças capacidades de leituras, visando a construção de sujeitos competentes e críticos, e curiosos, como deseja Ricardo da Cunha Lima, para que possam conhecer os bastidores da poesia, e do trabalho tão singular, que é o do poeta.

Então esta pesquisa foi uma busca de compreender e de levar a todos que a lerem que é possível sim educar pelo poético, pois a importante tríade, música, imagem e ideia, ao aproximar-se do imaginário dos pequenos, propõe com elas

manter um fluido diálogo, e este tem uma função educadora e vivente da leitura. A leitura transforma é umas das “armas” mais poderosas que dispomos para humanizarmo-nos, ele é transformação, como sugere Pennac (1998, p. 13) “ninguém se cura dessa metamorfose. Não se retorna ileso de uma viagem dessas. A toda leitura preside, mesmo que seja inibido o prazer de ler”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

ARALDO. Adriana Falcato Almeida. **Sobre voltas e abandonos: literatura infantil/juvenil, reprodução e renovação de valores sociais**. (Dissertação de mestrado em Letras) – São Paulo- SP, 2011.

ARÏES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. JE Editora: Rio de Janeiro, 1981.

AVERBUCK, Lúgia Marrone. **A poesia e a escola**. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. ed . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988 .

AZEVEDO, Fernando José Fraga de; MELO, Isabel Souto e. **Poesia na infância e formação de leitores**. *Perspectiva*. Florianópolis – SC. V.30, n. 3, 925 – 946, set./dez. 2012.

BASTOS, Luciete de Cássia Souza Lima. **Formar pelo prazer de ler, eis a questão!**. *Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa, Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq): os sertões da Bahia*. Caetité, v. 1, nº 1, out. 2011. (ISSN 2237-2407)

BOSI, Alfredo (1936). **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO. Lydiane Fonseca de. **Poesia na sala de aula: as contribuições da poesia à formação do leitor literário**. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT12/POESIA_ARTIGO_HUMANIDADES.pdf> Departamento de Educação da Universidade do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1991.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: Ed, UFMG, 2001.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. 17ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

ESPEIORIN, Vânia Marta. **Educação pelo poético**: a poesia na formação da criança. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul – RS, 2010.

GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva. **A Literatura infantil e juvenil hoje**: múltiplos olhares, diversas leituras. (orgs.). Dialogarts, 2011.

Formação e atuação de Ricardo da Cunha Lima. Disponível em: <<http://dlcv.fflch.usp.br/node/567>>. Acesso em 16/10/14.

GERBARA, Ana Elvira. **Reflexões sobre o ensino de poesia**. Disponível em: <<http://portuguesdeosasco.blogspot.com.br/2011/05/reflexoes-sobre-o-ensino-de-poesia.html>>. Acesso em 22/11/2014.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica [Tradução de Carlos Rizzi; direção da coleção de Fanny Abramovich. São Paulo: Summus, 1980.

HUIZINGA, Johan. **Filosofia**: homo ludens. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JESUALDO, J. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix/USP, 1978.

KRAMER, Sônia. “A infância e sua singularidade”. In: **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: Leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Ricardo da Cunha. **De cabeça pra baixo**. Ilustrações de Gian Calvi. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

_____. **Bis**. Ilustrações de Luiz Maia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

MATOS, Francisco Gomes de. **Ler: uma leitura multidimensional**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, nº 1, p. 247-249, jan./jun, 2006.

MEIRELES, Cecília. "Motivo". In. **Viagem Vaga Música**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MESCHONIK, Henri. **Linguagem: ritmo e vida**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

NUNES, Maria Cléa. **O imaginário na literatura infantil e juvenil e a formação do leitor: um estudo do simbolismo na obra de Ana Maria Machado**. (Dissertação de mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, São Luís – MA, 2012.

OLIVEIRA, Meirilayne Ribeiro de. **Poesia infantil e juvenil brasileira: transformações e deslimites**. (Dissertação de Pós- Graduação em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO, 2012.

PAIXÃO, Fernando. Coleção 1º Passos - 63: **O que é Poesia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. 4 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PINA, Patrícia Kátia da Costa; *et al.* "Leitura: múltiplos olhares". In. PINA, Patrícia Kátia da Costa; RAMOS, Ricardo Tupiniquim (orgs.). **Leitura e transdisciplinaridade: linguagens em múltiplos olhares**. Salvador: Eduneb, 2012.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A literatura em quadrinhos: formando leitores hoje**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

QUINTANA, Mário. **Os poemas**. Disponível em:
<<http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/os-dez-melhores-poemas-demario-quintana-3701/> Acesso em: 29/10/2014.

RAMOS, Ana Cláudia. **Nos bastidores do imaginário**: criação e literatura infantil e juvenil. São Paulo: DCL, 2006.

SILVA, Maria de Jesus Marques. **A literatura infantil como recurso para aquisição da linguagem da criança**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Junqueira&Marin Editores – Livro 3. Campinas, 2012.

SILVA, Vaneide Lima. **Poesia para adolescentes**: estudo crítico de obras e vivência em sala de aula. (Dissertação de Doutorado em Letras da área de Linguagem e Ensino) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim. 11ª ed. Campinas – SP: Papirus, 1994.

TAVARES, Braulio. **Contando histórias em versos**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1998.

ZILBERMAN. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.

ANEXOS

A CALÇA FOLGADA

Na escola que fica
na entrada da vila
ao lado de casa
estuda Lindaura,
aluna aplicada,
que tem uma calça
bastante folgada.

Estava Lindaura
sentada no banco
na sala de aula
colando um papel
e deu o sinal
pra ir pro recreio.
Que bom! Que legal!
É hora do lanche!
Lindaura gostou
E se levantou...

Porém, sua calça...

Era tão folgada
Que ficou sentada!!

VONTADES

Hoje eu quero entrar pra fora
e quero sair pra dentro!
Quero uma curta demora
e quero virar em frente!
Hoje eu quero correr lento,
lá e cá na mesma hora,
isto e aquilo ao mesmo tempo!

Eu quero subir pra baixo
e quero descer pra cima!
Eu quero encarar de lado,
quero um quadrado sem quina
e me secar na piscina!
Eu quero gritar calado
e ver modernas ruínas!

Eu quero dormir no teto
e acordar lá-não-sei-onde!
Quero me afastar pra perto
e me aproximar de longe!
Hoje eu quero ser feliz!
E vou fazer isso ontem,
pois amanhã eu já fiz!

A SANFONA E A VIOLA

Dispois de uma longa viagem,
andando pelo sertão,
papai vortô para casa,
num ranchinho beira-chão.

Era bem grande a saudade
que nós tinha no coração,
e a saudade se aumentou
quando ouvimo papai no portão.

Nóis duas corremo pra fora
mode abraçar e beijar
o nosso paizinho querido,
que começou a chorar.

Nóis semo a Sanfona e Viola,
ele é um bonito Violão,
e o nosso abraço apertado
era cheio de emoção.

Só dispois de munto tempo
nóis param co carinho,
pra fazer uma surpresa
pro nosso querido paizinho.

Acontece que nós duas
tinha ficado banguela!

Entonce nós deu pro papai
um sorriso com janela!

Dispois de uma longa viagem,
andando pelo sertão,
vortei pra minha casinha,
num ranchinho beira-chão.

Era bem grande a saudade
que eu tinha no coração,
e a saudade se aumentou
quando vi de longe o portão.

Anunciei a chegada,
tocando uma linda modinha,
e de lá de drento de casa
correram as minhas filinhas.

Correram as duas meninas
mode me abraçar e beijar,
e eu garrei elas no colo,
pensando que ia chorar.

Elas são a Sanfona e a Viola,
eu sou um veio Violão,
e o nosso abraço apertado
era cheio de emoção.

Só dispois de munto tempo

nóis param co carinho,
e eu pude oiá com cuidado
praqueles lindos rostinhos.

Vai que tive uma surpresa,
oiando certêro pra elas:
minhas duas caboclinhas
tinha ficado banguela!

Sanfoninha perdeu uma tecla
na sua boquinha tão bela,
Violinha perdeu uma corda,
também ficou com janela.

Elas deram para mim
o sorriso mais lindo da vida!
Entonce, agradecendo o presente,
abraçei minhas fias queridas.

CASAMENTOS

(limeriques) pra Tatiana Belinky

Existem alguns casamentos
Que tem o maior cabimento.
O nome, afinal,
Os torna um casal
Unido desde o nascimento.

Então fui fazer uma lista
Que quero passar em revista:
Tente adivinhar
De quem vou falar
E fique de olho nas pistas.

Ela é cheinha, salta e rola,
Parece que tem uma mola.
Ele é bom partido,
Nas festas querido.
Olha o Seu Bolo e a Dona Bola!

Ela corta cabelos louros
E os longos cachos dos calouros.
Já ele é bem rico,
Mas não abre o bico.
Cá estão a Tesoura e o Tesouro.

Seu marido a todos consola,
Além de gostar de viola.
Já ela é grudenta,
Chega a ser gosmenta.
Eis o Seu Colo e a Dona Cola!

Ela implica com quem tem pança,
Ele gosta muito de dança.
Ela é pé-no-chão,
Ele voa altão.
Lá vem o Balanço e a Balança.

Ele acaba com a água toda
E usa panos fora de moda.
Ela é viajada
E bem apressada.
Que belo par, O Rodo e Roda!

UBI SUNT? ou QUEM FOI NAMORAR...

As pessoas costumavam dizer:
Quem foi à feira perdeu a cadeira...
Quem foi à missa perdeu a chouriça...
Quem foi ao vento perdeu o assento...
Quem foi à roça perdeu a carroça...

Mas há pouco me contaram:
A cadeira foi à feira,
a chouriça foi à missa,
o assento foi ao vento,
a carroça foi à roça.

E eu pensei com meus botões:
A cadeira perdeu a cadeira?
A chouriça perdeu a chouriça?
O assento perdeu o assento?
A carroça perdeu a carroça?

Todos eles se perderam?
Ubi sunt? Onde estão?

Onde será que será
que todos foram parar?

Além disso, me falaram:

O lugar foi ao mar.

Mas quem foi ao mar perdeu o lugar!!!

Então o lugar perdeu o lugar?

Onde será que será
que o lugar foi parar?

E depois me comentaram:

O lugar foi pra Portugal.

Mas quem foi pra Portugal perdeu o lugar!!!

Então o lugar perdeu o lugar?

Onde será que será
que o lugar foi parar?

Afinal me revelaram:

O lugar foi namorar.

Mas quem foi namorar perdeu o lugar!!!

Então o lugar perdeu o lugar?

Mas nisso não há nada errado!

O lugar se perdeu de si
e acabou desconstruído
por se sentir bem feliz,
como todo apaixonado!!!

